



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DE ITABAIANA**

## **CADERNO DE RESUMOS**



**Itabaiana**

**20 a 22 de Setembro de 2023.**

## Ficha catalográfica

Semana da Geografia (4.: 2023 : Itabaiana, SE)

IX semana da geografia [livro eletrônico] :  
a produção do conhecimento geográfico : unidade  
física e humana; : caderno de resumos /  
organização Ana Rocha dos Santos...[et al.]. --  
Itabaiana, SE : Ed. dos Autores, 2023.

PDF

Vários autores.

Outros organizadores: Diana Mendonça de  
Carvalho, Larissa Monteiro Rafael, Luana Santos  
Oliveira *Mota*.

**Bibliografia.**

ISBN 978-65-00-85883-9

23-180302

CDD-910

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara  
Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Índices para catálogo sistemático:

1. Geografia 910

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-  
1/3129

## COMISSÃO ORGANIZADORA

Profª Drª Ana Rocha dos Santos - DGEI

Profa. Drª Diana Mendonça de Carvalho - DGEI

Profa. Drª Larissa Monteiro Rafael – DGEI

Profa. Drª Luana Santos Oliveira Mota – DGEI

## COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. Dr. Cristiano Aprígio dos Santos - DGEI-UFS

Profa. Dra. Diana Mendonça de Carvalho - DGEI-UFS

Profa. Dra. Fabrícia de Oliveira Santos – DGEI-UFS

Prof. Me. João Pedro Celestino – DGEI-UFS

Prof. Dr. José Hunaldo Lima – DGEI-UFS

Prof. Me. José Lucas Ribeiro – DGEI-UFS

Profa. Dra. Larissa Monteiro Rafael - DGEI-UFS

Profa. Dra. Luana Santos Oliveira Mota – DGEI-UFS

Prof. Dr. Oscar Alfredo Sobarzo Mino – DGEI-UFS

Profa. Dra. Vanessa Dias de Oliveira – DGEI-UFS

## APRESENTAÇÃO

A IX Semana da Geografia do Campus Prof. Alberto Carvalho - com o tema ‘A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO: UNIDADE FÍSICA E HUMANA?’ foi uma atividade promovida pelo Departamento de Geografia de Itabaiana, apoiada por seis Grupos de Pesquisa e por Programas Institucionais, que estabelecem interlocução entre a licenciatura em Geografia e os Programas de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) e em Ciências Naturais (PPGCN).

A temática-problema da IX Semana de Geografia foi fruto da necessidade de maior integração, sobretudo pelo poder de síntese das diversas especializações que a Ciência Geográfica incorpora, cuja dicotomia não mais responde as inquietações do saber geográfico. O imperativo de integração já era considerado por Lacoste (1985, p.65), mesmo com a condição de especialização sendo mantida, mas que ao final, tivéssemos uma “geografia global”. Mendonça (1998, p.25) também demonstra a perplexidade em termos da divisão posta na

formação geográfica e incita a necessidade de “paradoxal busca de unidade do pensamento geográfico”.

Por essa premissa, a IX Semana de Geografia visou fortalecer o discurso de uma Geografia da totalidade, que através da articulação de suas “especializações”, como referendado por Lacoste (1985), possa criar a condição de uma Geografia plena de reflexões em suas diversas escalas e percepções, na definição da unidade de seu pensamento (MENDONÇA, 1998).

A semana ocorreu entre os dias 20 e 22 de setembro de 2023, contando com mesas redondas, oficinas e espaços de diálogos, cujos resultados apresenta-se no decurso desse caderno de resumos.

## PROGRAMAÇÃO

Data / Horário	20.09.2023	21.09.2023	22.09.2023
8h às12h	Credenciamento/ Oficinas	Oficinas	Espaços de Diálogos - Resumos
14h às18h	<b>Cerimônia de Abertura</b> <b>Mesa 01</b>  A Produção do conhecimento geográfico: unidade física e humana?  <b>Palestrantes:</b>  <i>Prof. Dr. Antônio Carlos deBarros Correia (UFPE)</i> <i>Prof. Dr. Sócrates OliveiraMenezes (UESB)</i>  <b>Mediadora:</b> <i>Profª. Dra. Vanessa Diasde Oliveira</i>	<b>Mesa 02</b>  A produção do conhecimento da Geografia: relação entre teoria e prática  <b>Palestrantes:</b>  <i>Profª. Dra. FernandaViana de Alcantara (UESB)</i> <i>Prof. Dr. Kleython de Araújo Monteiro (UFAL)</i>  <b>Mediador:</b> <i>Prof. Dr. Cristiano Aprigiodos Santos</i>	<b>Cerimônia de Encerramento</b> <b>Mesa 03</b>  Desafios e questões na e da educação geográfica  <b>Palestrante:</b> <i>Prof. Dr. Cleidimilsonde Jesus Cunha (IFS)</i>  <b>Mediador:</b> <i>Prof. Dr. José HunaldoLima</i>

## **EIXOS DE TRABALHO**

### **I. Ensino de Geografia**

Eixo centrado na análise da política educacional, currículo, práticas pedagógicas, metodologias, desenvolvimento e aplicação de técnicas e ferramentas para o ensino da Geografia, relatos e exposição de experiências e vivências de ensino.

### **II. Espaço Agrário**

Promove a discussão sobre as questões ligadas ao campo, a natureza da produção agrícola e os modelos de desenvolvimento, os movimentos sociais e a relação campo-cidade.



## RESUMOS

### EIXO 01

## ENSINO DE GEOGRAFIA

## **EXPERIÊNCIAS ENCONTRADAS NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NAS AULAS DE GEOGRAFIA**

Alicy De Mendonça Santos  
Emily Passos Lima

Este resumo tem o propósito de apresentar e relatar uma experiência de Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia I, realizado nos meses de agosto e setembro de 2023 em uma turma de 6º ano “A”, do ensino fundamental de uma escola pública da rede estadual, no município de Itabaiana- SE, a Escola Estadual Dr. Airton Teles. O principal objetivo deste trabalho foi discorrer os conteúdos relacionados a unidade temática “Dinâmicas do relevo e do solo”, a qual trazia assuntos como relevo, agentes internos e externos do relevo, relevo solo e moradia/agricultura etc. com a intenção de fazer uma relação entre o cotidiano dos alunos e os conteúdos programados. Para construção dos conhecimentos, foram executadas aulas expositivas, discussões em sala e realização de atividades, durante 4 semanas totalizando 13h/aulas. Na primeira semana foram realizadas aulas expositivas sobre o tema de relevo e formas de relevo terrestre juntamente com a confecção de desenhos e atividade no caderno, com o objetivo de relacionar a temática com o que é visto no dia a dia do aluno. Na segunda semana, foram discutidos temas a cerca dos agentes internos e externos que modificam o relevo, trazendo imagens

exemplificando as ações dos agentes em um contexto local e a realização de uma atividade de verdadeiro ou falso. Na terceira semana foram executadas aulas expositivas sobre solo e também tipos de solo, conteúdo o qual não está presente no livro didático dos alunos e que é um tema primordial para compreensão de toda a dinâmica do solo, juntamente com a realização de uma atividade lúdica. Na última semana foi discutido as relações entre relevo, solo, agricultura e moradia, onde através das aulas expositivas foi problematizado e discutido os temas e feita a aplicação de uma atividade do próprio livro didático que sintetiza toda a unidade temática. Portanto, diante do exposto, tendo a finalidade de efetivar as práticas docentes vivenciadas através do Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia I, foi possível perceber que um docente tem que está aberto a diversas possibilidades diante das dificuldades encontradas na sala de aula tanto por questões de infraestrutura como questões pedagógicas. Nesse sentido, apresentamos neste breve resumo estratégias adotadas para enfrentar tais desafios de ensino e aprendizagem, visto que o estágio é um dos primeiros contatos que o licenciando tem com a sala de aula e relatar a realidade que os espera futuramente. Desse modo, podemos perceber que o professor é uma peça fundamental na construção dos cidadãos críticos e com empatia, logo, conseqüentemente, formarão um mundo mais justo e humano.

**Palavras-chave:** aprendizagem, ensino de geografia, construção.

## **EXPERIÊNCIAS COM METODOLOGIAS ATIVAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA**

Anny Karollainy da Silva Lisboa  
Lara Beatriz Bispo Santos

O presente resumo tem o intuito de apresentar a experiência realizada no Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia I, o qual foi desenvolvido no ano de 2023 no Colégio Estadual João XXIII, localizado no município de Ribeirópolis/SE na turma do 9º ano “A” que conta com a participação de 35 alunos. Sendo assim, a proposta de unidade temática trabalhada com os alunos nesse período de estágio foi “Uma viagem à Ásia”, visto que o propósito geral do plano de ensino era “Aprender sobre os processos físicos, naturais, regionais e populacionais acerca do continente asiático”. Dessa forma, tem-se como objetivo a aplicação de metodologias ativas nas aulas de Geografia, correlacionando com os conteúdos discutidos para proporcionar aos alunos uma aula mais lúdica e que contasse com o envolvimento de todos. A metodologia de uma pesquisa vai ser o instrumento pelo qual a investigação do problema proposto é realizada, a fim de concluir os objetivos traçados. Portanto, optamos por uma abordagem do tipo qualitativa, uma vez que esse tipo de pesquisa tem como possibilidade articular os parâmetros epistemológicos e valorizar a construção peculiar das práticas cotidianas. Nesse viés, as aulas foram realizadas durante três semanas nas

segundas-feiras, totalizando uma carga horária de 9h aulas. Na primeira semana os conteúdos programáticos foram, relevo, hidrografia, clima e vegetação da Ásia, em um primeiro momento foi realizada a aula expositiva e posteriormente foi aplicado a metodologia ativa de gamificação, por meio de um “passa ou repassa” com perguntas do conteúdo. Na aula seguinte, foi discutido o conteúdo sobre regionalização da Ásia, sempre seguindo o mesmo propósito de apresentar os assuntos e depois aplicar a metodologia ativa que dessa vez foi a realização de uma gamificação através de um bingo, por fim, na terceira e última semana de estágio, foram abordados aspectos da população, desigualdade socioeconômica e urbanização na Ásia, as estratégias metodológicas utilizadas, foram leitura de reportagens, construção de mapa mental e metodologia ativa gamificação (formação de palavras). Com a finalidade de concretizar a prática docente o Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia I garante ao licenciando/a a oportunidade de assumir um posicionamento equitativo em relação a responsabilidade para com os seus discentes e suas histórias, aos seus anseios e toda a conduta pedagógica que permeia nas primeiras experiências oriundas da sala de aula. O licenciando/a processualmente desloca-se de sua função de discente e com o auxílio do professor titular da turma e de seu orientador consegue começar a protagonizar e edificar os primeiros passos da docência. Sendo assim, neste trajeto foi possível perceber os entraves e desafios enfrentados na educação básica, em decorrência da forte disputa com os aparelhos tecnológicos, mesmo as aulas sendo acrescida de uma diversidade metodológica, o celular continua a ser um grande inimigo, contudo

poderia ser um grande aliado. Enfim, o estágio é uma oportunidade do graduando em licenciatura se (re)conhecer, Geografizar frente ao desmonte do capital e continuar a esperar por um mundo mais justo e humano.

**Palavras- chave:** Estágio, Geografia, Metodologia

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA EM TOTALIDADE A PARTIR DE CONHECIMENTOS PRÉVIOS DO ALUNO**

Elionaldo de Jesus Santos Junior  
Maria Daniele Oliveira dos Santos

O presente artigo tem o intuito de compartilhar os relatos de experiência sobre a prática docente no Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia I, no ano de 2023, em uma turma de sétimo ano da Escola Municipal José Joaquim Pacheco, Malhador/SE. Foram trabalhadas as unidades temáticas relacionadas às regiões Norte e Nordeste, nas quais o objetivo consistia em trabalhar a construção dos principais conceitos existentes no amplo tema de regionalização brasileira. Com o enfoque nas duas regiões abordadas, a partir dos conhecimentos prévios dos próprios alunos, tem-se a finalidade de garantir o entendimento da totalidade que forma os aspectos característicos das unidades temáticas debatidas. Para efetuar as pretensões descritas, utilizou-se da provocação de debates a partir de perguntas feitas durante as aulas expositivas no intuito de incentivar a reflexão e a progressiva reorganização dos conhecimentos já previamente possuídos pelos discentes, agora os embasando de maneira sistematizada, suas dúvidas e questionamentos foram respondidos a partir de novas perguntas realizadas pelos estagiários a fim de que o aluno



pudesse chegar a suas próprias conclusões. Além disso, a inserção de músicas da cultura regional, literatura de cordel, vídeos, objetos físicos, como artesanato e mapas, e o material de apoio virtual serviram como assistência fundamental para a compreensão do sentido da totalidade dos assuntos. Assim, a medida em que articulavam os diferentes temas trabalhados fundamentam a ideia de correlação existente entre todos os aspectos abordados durante as aulas, como os aspectos físicos e sociais, muitas vezes tratados como separados e existentes um sem a presença do outro. Como resultado desta abordagem realizada em sala de aula, pode-se perceber a melhoria na compreensão de determinados fenômenos aos quais os alunos estavam familiarizados, por viverem em uma das regiões que estava sendo estudada durante esse período, se percebendo dentro e como parte desta realidade, mas não entendiam como esses fenômenos estavam relacionados entre si. Já para aqueles fenômenos ou circunstâncias aos quais não estavam familiarizados, apesar de haver uma dificuldade maior na compreensão, foram capazes de, a partir dos debates e das exemplificações trazidas através de imagens ou desenhadas no quadro, relacionar as experiências e conceitos já sistematizados em seus pensamentos e expandir essa lógica para esses assuntos mais distantes de suas realidades. No mais, o que se pode observar a partir do abordado aqui é um aprimoramento considerável das capacidades cognitivas de generalização e abstração dos alunos através da reflexão construída em forma de debate do grupo, a partir do conhecimento da turma e

mediação dos professores estagiários, o que evidencia a importância de não se desconsiderar aquilo que já é entendido pelos alunos.

**Palavras-chave:** Conhecimentos Prévios; Ensino por Totalidade; Realidade do Aluno.

## **O ENSINO DE GEOGRAFIA E CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO DE CONVIVÊNCIA ENTRE ALUNOS NO ESPAÇO ESCOLAR**

Fábio Ferreira Santos<sup>1</sup>

O presente artigo objetiva refletir sobre o ensino de geografia e as práticas cotidianas de vivência escolar na Escola Municipal Dr.º João Alves Filho, Povoado Agrovila, Itabaiana/SE, entre os alunos na construção do conhecimento, e principalmente no processo de ensino-aprendizagem. Partindo da construção do conhecimento geográfico pode-se perceber que o ensino de geografia traz uma importante contribuição para a convivência escolar, espacial e social, permitindo uma aproximação dos alunos com a realidade vivida. Desse modo, a prática de ensino em geografia partiu de experiências vivenciadas na unidade escolar definida e de uma revisão bibliográfica acerca da geografia escolar, que possibilitou compreender a lógica educacional, sintetizada nos

---

<sup>1</sup> Doutor em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba, Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe; Especialista em Gestão de Políticas Públicas de Gênero e Raça pela UFS-SE e especialista em Educação Especial pela FAVENI, Graduado em Geografia pela UFS-Campus Itabaiana e Graduado em Pedagogia pela UNINTER. Pesquisador do grupo de pesquisa Relação Sociedade-Natureza e Produção do Espaço Geográfico (PROGEO)/DGEI/UFS e membro do grupo CEGET-seção Paraíba.

dias atuais, e o uso de metodologias de ensino que estão sendo utilizadas pelos professores em sala de aula. Nesse contexto, pensar na construção do saber geográfico requer uma aproximação da teoria com a realidade vivenciada pelos alunos, possibilitando o desenvolvimento cognitivo e intelectual em sala de aula. Nesse aspecto, evidencia-se que a relação professor-aluno é fundamental para o crescimento das competências e habilidades dos discentes, tornado a aprendizagem mais atrativa, dinâmica e eficaz. Aliás, aliado a esse aspeto, a convivência escolar entre os alunos traz uma gama de reflexões sobre o papel da geografia na aprendizagem, a qual determina a relação entre sujeito, linguagem e objeto, permitindo interações que serão norteadoras para o trabalho pedagógico e o desenvolvimento da aprendizagem em geografia. No exposto, a prática de ensino possibilitou o desenvolvimento da aprendizagem e interferiu positivamente no ensino de geografia, ao possibilitar maior participação dos alunos enquanto sujeito da ação e como preceptores de sua ação no mundo. Sendo assim, o ensino de geografia traz uma importante contribuição para pensar nas transformações que vem ocorrendo na atualidade, desmistificando contradições e as perspectivas socioeducacionais no processo de ensino-aprendizagem, vindo à tona a multiescalaridade geográfica na produção dos espaços escolares, oriunda de uma perspectiva crítica que permite refletir sobre a importância do ensino na formação e no desenvolvimento de uma educação emancipatória e de qualidade.

**Palavras-chave:** ensino de geografia, convivência escolar, construção do conhecimento.

## **METODOLOGIAS ATIVAS E A RELAÇÃO ENSINO- APRENDIZAGEM NA GEOGRAFIA**

Fabício Soares de Oliveira<sup>2</sup>

Patrícia dos Santos Bispo<sup>3</sup>

Johnatan do Espírito Santo<sup>4</sup>

Larissa Monteiro Rafael<sup>5</sup>

Diante da realidade de novos contextos políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais, a autonomia do sujeito diante dessa realidade dinâmica exige um conhecimento consciente de sua posição (GEMIGNANI, 2012). A produção desse conhecimento tem na escola um dos principais ambientes. No processo de ensino-aprendizagem, a necessidade de levar o estudante à construção consciente do conhecimento, exige não

---

<sup>2</sup> Graduando em Geografia na Universidade Federal de Sergipe (UFS) - Campus Professor Alberto Carvalho – Itabaiana - Sergipe. [fabricomaslow.fcm@gmail.com](mailto:fabricomaslow.fcm@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda em Geografia na Universidade Federal de Sergipe (UFS) - Campus Professor Alberto Carvalho – Itabaiana - Sergipe. [bispo.patrícia@gmail.com](mailto:bispo.patrícia@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduando em Geografia na Universidade Federal de Sergipe (UFS) - Campus Professor Alberto Carvalho – Itabaiana - Sergipe. [johnatanespantos@gmail.com](mailto:johnatanespantos@gmail.com)

<sup>5</sup> Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Larissa Monteiro Rafael, professora do DGEI, Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) - Campus Professor Alberto Carvalho – Itabaiana - Sergipe. [larissa.rafael@academico.ufs.br](mailto:larissa.rafael@academico.ufs.br)

apenas a reprodução daquilo que é ensinado (MORAES; CASTELLAR, 2018), mas também a autonomia no reconhecimento do conhecimento produzido para transformação de sua realidade. Nesse sentido, os conteúdos a serem trabalhados na disciplina de Geografia deverão servir para que os alunos formem quadros de referência sócio-espaciais, imprescindíveis à compreensão da dinâmica do mundo atual (CAVALCANTI, 1993). Dessa forma, os objetivos do ensino de Geografia podem ser atingidos quando a abordagem dos conteúdos for propiciado através de uma aprendizagem efetiva. Assim, é importante que professores/as não percam de vista a razão de se trabalhar com diferentes metodologias. Para investigar como as metodologias ativas podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem da Geografia, o presente trabalho, objetivou avaliar o potencial da Sala de Aula Invertida (SAI), para a aprendizagem de conteúdos da Geografia. Para tanto, desenvolvida em carácter empírico-analítico-crítico, de base qualitativa, a pesquisa permeou a elaboração de um projeto de ensino, que aplicou o método da SAI na abordagem dos temas Espaço Geográfico, Socialismo e Capitalismo. Inicialmente foi realizada uma revisão da literatura sobre metodologias ativas, sala de aula invertida e ensino de Geografia e, posteriormente, o projeto foi aplicado em uma turma do 1º ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Professor Nestor Carvalho Lima, em Itabaiana, Sergipe. No primeiro dia, realizou-se a apresentação do projeto para os alunos. Foi atribuída uma pesquisa para os

grupos obterem informações sobre os aspectos gerais do Capitalismo e Socialismo, e sobre as características econômico-sociais de países capitalistas, respectivamente, os Estados Unidos, o Brasil e a Suécia, e países socialistas, como China, Cuba e Vietnã. Ainda no 1º dia, foi aplicado questionário de sondagem sobre os temas. No segundo dia, observou-se o resultado das pesquisas dos grupos, seguido por um debate em sala de aula e a aplicação do segundo questionário de sondagem. Apesar dos empecilhos vivenciados durante a aplicação do projeto, como as limitações na infraestrutura da escola e da sala de aula, bem como, a não familiarização de parte dos alunos para com diferentes metodologias, aqueles habituados às metodologias mais tradicionais, foi observado que a troca de conhecimentos através da dinâmica proporcionou o desenvolvimento do estudo e da responsabilidade por parte dos estudantes, na medida em que estes participaram ativamente da atividade, compartilhando as informações encontradas. Sendo assim, as metodologias ativas, neste caso em específico, a sala de aula invertida, se constitui como um importante recurso didático, capaz de instigar a autonomia, a responsabilidade e a ampliação da construção dos saberes geográficos, na medida em que essas atividades reposicionam o papel do professor e do estudante, subvertendo a tradicionalidade e possibilitando ao educando a posição de protagonista no processo de ensino e aprendizagem.



**Palavras-chave:** Ensino de Geografia; Metodologias ativas;  
Sala de aula invertida;

**A MÚSICA COMO SUBSÍDIO NO ENSINO DE  
GEOGRAFIA NO COLEGIO ESTADUAL DOM  
CLIMÉRIO DE ALMEIDA ANDRADE – CEDOCA  
EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BA**

Iguaraci Santos da Silva<sup>6</sup>  
Fernanda Viana de Alcantara<sup>7</sup>

O ensino de geografia requer do educador, um fazer pedagógico cada vez mais dinâmico frente aos desafios impostos por uma sociedade em transformação e um avanço tecnológico acelerado; o educador se depara como a problemática de encontrar meios para discutir as questões que reverberam no Brasil e no mundo, neste contexto destaca-se o papel pedagógico do docente da Geografia, pois o mesmo tem a tarefa de possibilitar aos seus alunos diferentes formas de reflexão. Nesta direção a sistematização e análise das atividades desenvolvidas no Colégio Estadual Dom Climério de Almeida Andrade tem como objetivo averiguar a importância do uso da música nas aulas de Geografia, em especial na abordagem das temáticas, sugeridos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) que compreendem

---

<sup>6</sup> Doutorando em Geografia pelo PPGEU/UFS. E-mail: guaraci@yahoo.com.br

<sup>7</sup> Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste Baiano (UESB). E-mail: fernanda.alcantara@uesb.edu.br

seis áreas: Ética; Orientação Sexual; Meio Ambiente; Saúde; Pluralidade Cultural e Trabalho e Consumo, os temas permeiam o cotidiano dos discentes e a música apresenta-se como recurso de aproximação do conhecimento com a realidade. Os Temas Transversais propõe a abordagem de diferentes componentes curriculares de forma integrada, e pretende contribuir na leitura da realidade conforme descrito na Base Nacional Comum Curricular- BNCC (BRASIL, 2017). A metodologia utilizada para análise baseou-se no levantamento bibliográfico acerca dos autores que contribuem para fundamentação da prática pedagógica, sobretudo os que fazem uso de temas transversais, concomitantemente a esse processo, realizou-se o embasamento teórico-metodológico enfatizando o uso da música em sala de aula, por meio da aplicação e acompanhamento dos resultados da implementação de três subsídios metodológicos, aplicados com discentes em turmas do Ensino Médio, por três anos, a primeira experiência foi a utilização da atividade denominada Geoparodiando, que tem por objetivo desenvolver habilidades por meio da dança, da música e produções textuais, através da elaboração de paródias abordando os temas trabalhados; a segunda experiência foi a Geografia em Canção, nesta proposta, após o docente ter explanado o conteúdo, o discente é orientado a pesquisar letras de músicas que tenham relação com o tema proposto, assim o aluno individualmente e/ou em equipe produzirá slides que contextualize a letra da música; e por fim utilizou-se a Geodramatização de canção, em que o

objetivo é possibilitar ao aluno ao desenvolvimento do pensamento crítico sobre as questões sociais, econômicas, políticas e ambientais a partir da escolha da letra de uma ou duas músicas brasileiras que abordem as questões sugeridas. As letras de música apresentam noções e conceitos básicos de Geografia (MUNIZ, 2012), portanto, podem ser exploradas não só por essa ciência. A Geografia trabalhada interdisciplinarmente propicia a gestão do conhecimento de sujeitos, os quais são agentes da arte de problematizar e interrogar (BRASIL, 2013). Verificou-se que o desenvolvimento das práticas de atividades envolvendo músicas para trabalhar temas transversais justifica-se por promover aos educandos experiências que contribuem para desenvolver conceitos relacionados à realidade, bem como promovem reflexões acerca de pautas importantes e urgentes da contemporaneidade. Registrou-se maior interesse e melhor participação e resultados positivos no processo ensino-aprendizagem o que permite afirmar que música é uma ferramenta de trabalho pedagógico que torna as aulas de Geografia atrativas e proveitosas.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia, Música e Temas Transversais.

**NORDESTE, O BRASIL NASCEU AQUI:  
ABORDAGENS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA  
ATRAVÉS DA ARTE NORDESTINA**

Jaqueline dos Santos Oliveira  
Lucas Santos Costa  
Milena Lima de Menezes

A proposta deste trabalho é proporcionar aos alunos do Nordeste um protagonismo em sala de aula por meio da utilização de recursos que representassem de forma mais abrangente os aspectos da região, indo além dos estereótipos frequentemente presentes nos materiais didáticos disponibilizados pela rede pública de ensino. Muitas vezes, tais materiais destacam a pobreza e as dificuldades da região, negligenciando suas riquezas culturais, geográficas e históricas. O projeto de ensino concentrou-se na exploração das características e particularidades da Região Nordeste, com um enfoque especial no estado de Sergipe. O principal objetivo foi aprimorar e esclarecer as concepções dos alunos sobre a região, bem como cooperar na superação de preconceitos, ideologias e alienações que frequentemente permeiam o processo educacional. Isso incluiu a promoção do conhecimento cultural, social e político da região, além de incentivar uma visão mais ampla dos desafios e riquezas que a Região Nordeste abriga. Para alcançar esses objetivos, o projeto adotou diversas estratégias didáticas. Uma delas foi a elaboração de recursos

visuais, como mapas temáticos, que ajudavam os alunos a compreender a localização geográfica do Nordeste, caracterizando seus estados, municípios, atividades econômicas e sistemas fluviais. Vídeos foram utilizados para retratar a diversidade da região, suas tradições e os desafios enfrentados pela população. Além disso, atividades práticas foram incorporadas ao processo de aprendizado, como a elaboração de cordéis, a confecção de tintas a partir dos principais solos da região e desenhos livres nos quais os alunos expressaram como viam a região Nordeste. Essas atividades dinâmicas e interativas tornaram a aprendizagem mais envolvente e significativa para os estudantes. Outro aspecto importante do projeto foi o estímulo à pesquisa. Os alunos foram incentivados a investigar aspectos específicos da região Nordeste, como sua história colonial, os impactos da industrialização e os desafios da agricultura. Isso permitiu que eles explorassem em maior profundidade os temas relacionados à região e desenvolvessem habilidades de pesquisa e análise crítica. Os resultados do projeto foram notáveis. Os alunos demonstraram um maior engajamento e participação ativa nas atividades propostas. A utilização de recursos visuais, como mapas, imagens e vídeos, facilitou a compreensão e a retenção dos conteúdos. Além disso, as aulas expositivas dialogadas criaram um ambiente propício ao diálogo e à troca de conhecimentos entre professor e alunos. A confecção dos materiais pedagógicos também desempenhou um papel crucial. Os estudantes puderam manipular diferentes tipos de materiais, tornando o aprendizado

mais prático e significativo. Os diários de bordo, usados para registrar as respostas dos alunos às atividades, mostraram-se uma ferramenta eficaz para avaliar o progresso e identificar possíveis lacunas no conhecimento. Em síntese, o trabalho desenvolvido proporcionou resultados expressivos. Os materiais confeccionados e a metodologia utilizada foram fundamentais para despertar o interesse e o envolvimento dos estudantes, que passaram a enxergar a Região Nordeste sob uma ótica mais abrangente e crítica. Ao relacionar o conteúdo com suas realidades e conhecimentos prévios, os alunos construíram um pensamento mais crítico e uma compreensão mais profunda dos acontecimentos históricos e das situações atuais que moldam a região Nordeste.

**ENSINO DE GEOGRAFIA E AS METODOLOGIAS  
ATIVAS: A IMPORTÂNCIA DA AULA DE CAMPO NO  
ENSINO DE GEOGRAFIA NO COLÉGIO ESTADUAL  
DR. ROBERTO SANTOS EM POÇÕES – BA**

Lucas Aguiar Tomaz Ferreira<sup>8</sup>  
Celio Silva Meira<sup>9</sup>  
Rubevaldo Alves Amaral<sup>10</sup>

O presente texto tem o intuito de analisar a importância da aula de campo como metodologia ativa no desenvolvimento do ensino e aprendizagem em Geografia na educação básica tendo como campo empírico a turma do primeiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Dr. Roberto Santos em Poções – BA. A referida escola é a maior instituição de ensino básico do município. Desta forma, atualmente a instituição possui diversas modalidades de ensino: ensino Médio Integral, Ensino Médio Parcial, Tempo Juvenil e Educação de Jovens e Adultos. Assim, considera-se a necessidade de professores adotarem metodologias ativas para tentar prover um processo

---

<sup>8</sup> Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: Elucasaguiar04@hotmail.com

<sup>9</sup> Doutor em Desenvolvimento Territorial e Social pela Universidade Católica de Salvador Docente do Colégio Estadual Dr. Roberto Santos. E-mail: celiomeira2014@gmail.com

<sup>10</sup> Especialista em Ciências Ambientais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia Docente do Colégio Estadual Dr. Roberto Santos. E-mail: rubevaldoamaral.pce@gmail.com



de ensino aprendizagem significativa e eficiente dos estudantes. Essas estratégias têm como cerne propiciar uma aproximação dos conteúdos trabalhados na sala de aula com as vivências e/ou realidades dos discentes. Neste sentido, se tem o seguinte postulado, por meio da prática e essa relação, conteúdo e vivências, os educandos conseguem conceber e compreender as relações sobre a sociedade e natureza que dá base e concretude e o knowhow de ciência para a Geografia, dessa maneira. Por meio da aula de campo podem estudar aspectos sociais, econômicos, culturais, políticos que ocorrem no cotidiano de cada discente. Entende-se também, no que tange os aspectos metodológicos de ensino, que a aula de campo é tida como uma potência metodológica, pois, é um instrumento qualitativo na construção do conhecimento. Como aspectos metodológicos deste artigo se concretizou primeiramente o levantamento bibliográfico sobre essa temática, para aplicação do empírico foi escolhido a turma de 1 ano A do Ensino Médio/Tempo Parcial com o quantitativo de 43 alunos. No segundo momento foi realizado a aula de campo para analisar a degradação ambiental e a importância dos biomas Caatinga e Mata de Cipó, biomas este que está situado o município de Poções – BA. No terceiro momento foi aplicado um questionário como instrumento de pesquisa para entender o quão foi importante a aula de campo para o processo de ensino aprendizagem na disciplina Geografia. O referido texto traz como resultados a priori uma aceitação de 96% dos alunos da aula de campo como uma das melhores metodologias para prover o aprendizado, pois muitos

deles vivem naqueles biomas, mas não entendia o quão era importante aqueles biomas para a sociedade poçoense tanto nos aspectos físicos quando os sociais. Destarte, entende-se que por meio da experiência do campo ao articular o conteúdo com a prática do cotidiano dos estudantes faz com que eles entendam que também estão inseridos dentro dos assuntos debatidos durante as aulas e que não fiquem apenas nos campos das ideias, e assim, se realize a práxis em sua totalidade.

**Palavras-chave:** Aula de campo; Ensino de Geografia; Metodologia Ativas.

## **O LUGAR DA GEOGRAFIA FÍSICA NA BNCC**

Lucas Barreto Lima<sup>11</sup>

Alisson Clezio Bento de Lima<sup>12</sup>

A educação, enquanto direito basilar da vida humana, é tratada como responsabilidade do Estado, pois o Art. 205º, da Constituição Federal, afirma que o Estado, assim como a família tem a obrigação de fornecer o direito da educação para todos, ou seja, tem como objetivo uma preparação do indivíduo para conviver em sociedade. (BRASIL. Constituição Federal, 1988). Cabe destacar que o direito a educação também está presente em outro documento oficial que é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). O referido documento traz em seu art. 2º, que a família e o Estado possuem o dever de oferecer acesso à educação para todos, tendo também como objetivo preparar o sujeito. Diante do exposto, a educação é um direito para todos, garantido em lei, entretanto, após a aprovação da Constituição Federal em 1988 (CF88), existe no país um movimento orquestrado pela classe dominante para se apropriar da educação via políticas neoliberais no âmbito educacional, legitimada pelo Estado. Nesse sentido, a educação

---

<sup>11</sup> Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, Brasil. E-mail: lucasbarretotricolor828@gmail.com

<sup>12</sup> Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, Brasil. E-mail: alissonlima@gmail.com

brasileira passa a sofrer investida do capital financeiro, tendo como mediadores dessas investidas instituições de cunho privado, tanto de nacionalidade brasileira, bem como agentes internacionais, por exemplo o papel do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional na elaboração de currículos escolares (Albuquerque, 2021). Verifica-se que o objetivo não uma educação emancipatória do sujeito, ou seja, uma educação que vise transformar a realidade, mas sim, utilizar o espaço escolar para a produção de trabalhadores para o mercado. Desse modo, as interferências de cunho neoliberal podem ser sentidas com a aprovação e implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio. A BNCC é aprovada em 2017, a partir de uma manobra inconstitucional, do país em crise política e econômica, com a culminância do impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff e a ascensão do então vice-presidente, Michel Temer, ao cargo de Presidente da República. Com a breve contextualização, retoma-se a discussão acerca da BNCC, que transfigurada e descaracterizada, é aprovada e levada para os mais longínquos lugares do país, num projeto que objetiva anular o sujeito e endossar positivamente o modo de produção e seu funcionamento, marcadamente contraditório e perverso. Nesse sentido, o presente trabalho buscou analisar o lugar da Geografia Física no novo currículo. A proposta é fruto da realização do componente curricular Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia I, ofertada pelo Departamento de Geografia, Campus Prof. Alberto Carvalho, Universidade

Federal de Sergipe. Coloca-se que as atividades do estágio ocorreram no Colégio Estadual Dr. Airton Teles, no município de Itabaiana/SE, mais precisamente na turma do 6º ano “C”. A metodologia pautou-se na realização de leituras bibliográficas, assim como, as experiências vivenciadas no chão da escola pelos estagiários, numa articulação entre a teoria e a prática, com a defesa de um ensino transformador. Assim, observa-se lacunas acerca dos conteúdos da geografia física no livro didático.

**Palavras-Chave:** BNCC; Geografia Física; Neoliberalismo.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. A. M. de. et al. **Manifesto:** crítica às reformas neoliberais na educação – prólogo do ensino de geografia. Marília: Lutas Anticapital, 2021. ISBN 978-65-86620-61-0

## **EXPERIÊNCIAS DE ENSINO COM METODOLOGIAS ATIVAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Maria Eduarda Cruz Santos  
Rayane dos Passos Santos

O presente resumo tem por objetivo apresentar e discutir a experiência de ensino desenvolvida e realizada no segundo semestre de 2023, em uma turma de ensino fundamental do Colégio Estadual Murilo Braga, localizada no município de Itabaiana/SE. Para tal utilizou-se da observação em sala a fim de identificar os melhores recursos didático-metodológicos a serem aplicados, o que demonstra a importância do prévio conhecimento da dinâmica da sala de aula para fins de planejamento. A partir desse instrumento, ficou perceptível que a turma de oitavo ano do ensino fundamental dedicava maior atenção quando se utilizavam os recursos da escrita e da leitura. A unidade temática trabalhada durante o mês de estágio foi referente ao território americano, especificamente, a América Anglo-Saxônica e a América Latina, com ênfase na aplicação das diferenças e semelhanças entre as regiões, envolvendo os aspectos históricos, políticos, sociais, econômicos, culturais e naturais. Ao decorrer das aulas foram aplicadas algumas atividades para a compreensão do assunto ministrado, além da utilização de metodologias como rodas de conversa, atividades avaliativas e leituras. Como resultado,

durante as atividades aplicadas, foi possível observar que a maioria dos estudantes demonstravam maior interesse pela aula, principalmente, quando utilizava-se da escrita e leitura, ou seja, a partir de práticas voltadas à participação efetiva do aluno, o que tornou-se uma metodologia essencial nas aulas, e contribuiu para a o desenvolvimento da aprendizagem e troca de conhecimentos entre turma e docente. Por fim, a proposta de utilização de recursos didáticos, como o livro e cadernos para a escrita facilitou a aquisição da concentração dos discentes em sala de aula, diferentemente da aula que em que foi utilizado outros recursos, a exemplo dos visuais, onde ficou evidente a participação menos efetiva dos alunos durante a aula. Identificou-se, portanto, que o protagonismo dos estudantes e a utilização de diversos recursos de aprendizagem para as aulas de Geografia, são de fundamental importância na sala de aula, contudo é necessário adequar-se às demandas dos estudantes e compreender que cada turma responderá de uma maneira diferente. De acordo com as aulas ministradas durante o período de prática docente na turma, o que prevaleceu foram as atividades de leitura e escrita, fundamentadas nos objetos de conhecimento abordados. Apesar desse recurso ter se mostrado o mais factível para a turma em questão, vale destacar as dificuldades apresentadas ao longo do período de desenvolvimento das atividades de estágio, como por exemplo, a demonstração da falta de interesse por parte dos alunos, como as dificuldades estruturais, típicas da educação pública brasileira,

além dos desafios relacionados ao mau uso dos aparelhos telefônicos e redes sociais durante as aulas.

**Palavras-chave:** Geografia, Experiência de ensino, Escola, Metodologia.



## **CONSTRUINDO O PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM COM A GEOGRAFIA FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: RELAÇÃO ALUNO- PROFESSOR E CONHECIMENTO MÚTUO**

Milena Silva  
Felipe Fraga

Este trabalho, desenvolvido na Escola Municipal Prof. Clara Meireles Teles, no sexto ano do ensino fundamental, teve por objetivo fazer uma aproximação entre o aluno e os conhecimentos gerais sobre a morfodinâmica do planeta sobre uma perspectiva geral, com temáticas envolvendo o mundo das águas e a influência da ação antrópica na modernidade. Trabalhando a geografia física notamos a dificuldade de compreensão dos alunos nesta área do conhecimento, percebendo a carência na discussão dos assuntos abordados, como o processo do ciclo da água, suas exemplificações no uso cotidiano de maneira mais sustentável. Fazendo uso do livro didático, mapas, dados estatísticos e imagens ilustrativas do próprio, o processo de aprendizagem acabou proporcionando momentos de interação e aperfeiçoamento do conhecimento e do ensino-aprendizagem em sala de aula. Durante as primeiras semanas de aula utilizamos da metodologia ativa através da participação dos alunos com a leitura e perguntas simples sobre a temática trabalhada, fazendo uso das suas experiências próprias visando uma maior abrangência de conhecimentos

sobre a geografia física. Dessa forma, os alunos se manifestaram com suas ideias e percepções sobre os assuntos já que fizemos demonstração de relações com filmes animados que faziam parte de sua formação social - por exemplo a utilização do desenho bob esponja para uma explicação mais facilitada sobre as águas oceânicas, a pressão exercida pela água e formação do triângulo das bermudas. Diante disso, na última semana de aula trouxemos mapas mentais que auxiliaram nas perguntas sobre os temas abordados no livro didático e na formação de uma opinião mais crítica do aluno sobre a questão trabalhada em sala. Desenvolvendo assim um senso crítico sobre as temáticas da geografia física, a desmistificação e ressaltando sua importância. Assim, concluímos que o ensino-aprendizagem se torna engrandecedor quando disponibilizamos espaço de fala para os alunos passarem o assunto trabalhado em sala para a sua própria experiência ou no seu convívio social com filmes, séries, desenhos ou viagens. O processo de aprendizagem também pode ser leve e facilitado contribuindo para um desenvolvimento mais acessível e de fácil compressão do aluno.

**Palavras-chave:** ensino de geografia, livro didático, geografia física.

## **PRÁTICAS ASSOCIADAS À UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO**

Ronne Von Santana dos Santos

Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir a experiência de ensino desenvolvido no segundo semestre de 2023, em uma turma do 6º ano do ensino fundamental, numa escola pública da rede estadual do estado de Sergipe. O principal objetivo é debater uma melhor utilização do livro didático em sala, possibilitando o estímulo de aproveitar a leitura didática na sala de aula. De acordo com Rangel; Rojo (2010) “Há um componente social no ato de ler. Lemos para nos conectarmos ao outro que escreveu o texto, para saber o que ele quis dizer, o que quis significar. Mas lemos também para responder às nossas perguntas, aos nossos objetivos”, de tal modo, possibilita-se que seja executada a proposta do ensino e aprendizagem na disciplina Geografia, mesmo quando os recursos didáticos são os mínimos disponibilizados o que seria um agravante. Com a finalidade de observar como o livro didático, quando bem utilizado em sala de aula, pode auxiliar de forma a contribuir no ensino, foi utilizado um estudo de caso observatório, de natureza qualitativa de caráter descritivo. Como resultados, durante o encaminhamento de leitura do livro didático proposto foi possível analisar que os estudantes demonstraram uma maior participação durante as aulas e interação entre eles. Outro ponto deveras importante, é como o

estímulo à leitura pode trazer um novo vocabulário aos alunos, fazendo com que eles possam pensar em soluções acerca da problemática discutida e levantado possíveis questionamentos acerca do conteúdo abordado. Além disso, com a proposta da leitura do livro didático em sala de aula foi possível proporcionar ao aluno a leitura de imagens geográficas, na qual, o exercício da leitura beneficia a criatividade, exercita o cérebro, melhora a concentração, a memorização, desenvolve o encaminhamento de ideias e habilidades da escrita, possibilita criar determinado senso crítico, fazendo com que o aluno possa ter uma participação de forma mais ativa e eficiente nas aulas. Por fim, é imprescindível que a análise de imagens geográficas, leitura de texto e o despertar do senso crítico, podem fazer o aluno interpretar melhor os assuntos da Geografia possibilitando um melhor desempenho até mesmo em outras disciplinas.

#### REFERÊNCIAS

RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. **Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. V.19.

PAULA, Marcelo Moraes. **Geografia espaço & interação: 6º ano: ensino fundamental: anos finais**. 1. Ed. São Paulo: FTD, 2018.

## **ASPECTOS FÍSICOS E HUMANOS GERAIS DO ORIENTE MÉDIO: A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA.**

Vanessa Nascimento Freitas.  
Joyce Beatriz Barreto Santos.

O Oriente Médio está localizado na Ásia Ocidental, região caracterizada por inúmeros conflitos territoriais e geopolíticos. O presente resumo foi construído como atividade obrigatória da disciplina Estágio Curricular Supervisionado I e II de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe, Campus Professor Alberto Carvalho. O estágio foi realizado no Colégio Estadual João Salônio, com a turma 9º ano “A” de Ensino Fundamental. O desenvolvimento desse trabalho teve caráter analítico-crítico, com base qualitativa, a partir da revisão bibliográfica de (Leonardo Dirceu e Helena Copetti, 1989) e observação do planejamento curricular do colégio, cujo tema a ser trabalhado foi “Oriente Médio: aspectos físicos e humanos gerais”, abordando características físico, sociais, econômicas e culturais do Oriente Médio, sem desconsiderar a questão petrolífera e escassez de terras férteis e água, assim como a visão eurocêntrica quanto a sua denominação regional, que reflete a localização geográfica de parte do planeta. Neste contexto, visualiza-se que o livro didático disponibilizado pelo colégio continha informações

rasas, se fazendo necessário buscar conhecimentos em outras fontes para aprofundar o assunto. Somados a isso, a experiência docente demonstrou que o professor não pode ficar atrelado a apenas o livro didático, ele precisa planejar, estudar, se aprofundar nos conteúdos que irá trabalhar em sala de aula. Aspecto que estimulou a concretização de novos conhecimentos e do desenvolvimento de planos de curso e de dinâmicas práticas, que perfizeram a busca e análise de mapas, fotos e exposição com uso do Datashow. Diante disso, ficou visível que os livros didáticos são de extrema relevância no ensino, pois orientam no encaminhamento do processo de ensino-aprendizagem. Mas não sendo esse totalmente essencial, pois na relação docente-sala de aula, diversas metodologias precisam ser criadas, a fim de subsidiar a construção do conhecimento propriamente e sem prisões em referencial único. Logo, a experiência vivida em sala de aula, trabalhando o Oriente Médio, trouxe a compreensão de como refletir o espaço geográfico na relação homem-natureza na criação das condições socioeconômicas variadas, perpassando o livro didático e a criação de novas perspectivas didático-metodológicas trouxe a validação do estágio como uma prática docente necessária a formação docente em geografia.

**Palavras-chave:** Oriente Médio; Ensino de geografia; Livro didático.

## **EXPERIÊNCIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA**

Vanessa Santiago dos Santos

Este trabalho tem o objetivo de apresentar a experiência vivenciada em Estágio Supervisionado em ensino de Geografia I, ocorridas nos meses de agosto e setembro do segundo semestre de 2023, em uma turma de 7º ano do ensino fundamental de uma escola pública de rede municipal, no município de Lagarto/SE, a Escola Municipal José Antônio dos Santos. O principal objetivo foi apresentar e analisar os conteúdos relacionados a unidade temática trabalhada em sala de aula “Formação Centro-Oeste”, a qual trazia temáticas como processo de ocupação, aspectos naturais, sociedade e produção econômica, assim relacionando o prévio conhecimento dos alunos ao conteúdo programado. Para a confecção dos conhecimentos foram planejadas e executadas aulas expositivas dialogadas e efetivações de atividades, durante 5 semanas totalizando 12h/aulas. Durante a primeira e a segunda semana foram trabalhados em aulas expositivas os conteúdos relacionados ao processo de ocupação do centro-oeste, analisando os aspectos históricos e juntamente com atividade em sala de aula. Na terceira semana foi trabalhado em aula expositiva o conteúdo de aspectos naturais do centro-oeste, desenvolvendo um senso crítico acerca da importância dos

biomas e a importância da diversidade que ambos apresentam. A quarta semana foi desenvolvida em aula expositiva dialogada a temática de sociedade, junto de imagens impressas para exemplificar de forma visual as características culturais da região centro-oeste, trabalhando a importância dos povos originários e a cultura composta por diversidades. A última semana foi discutido assuntos relacionados à produção econômica, como a agropecuária e industrialização, discorrendo sobre as mudanças ocorridas no meio de produção e as consequências da agropecuária, finalizando a unidade temática com a construção de desenhos acerca do que foi trabalhado durante as aulas. Portanto diante das experiências relatadas as práticas docentes vivenciadas através do Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia I, foi analisado que além de inovar em metodologias aplicadas em sala de aula, é necessário que o docente conheça a realidade da instituição de ensino para que possa se adaptar as possíveis dificuldades que virão, e assim conseguir não só planejar, mas também executar uma metodologia em sala de aula que seja válida e proveitosa.

**Palavras-chave:** ensino em geografia, estágio, aprendizagem.



## **A PRÁTICA PEDAGÓGICA E AS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADO NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Wilmara Santos Almeida<sup>13</sup>

Fábio Ferreira Santos<sup>14</sup>

A prática de ensino é essencial no processo de ensino-aprendizagem para que a teoria seja posta em atuação, desenvolvendo a capacidade cognitiva dos acadêmicos junto aos alunos da educação básica. Essa conexão entre teoria-prática no processo de ensino-aprendizagem torna-se fundamental para os docentes compreendam o desenvolvimento social e intelectual dos discentes. Nesse sentido, este artigo tem por objetivo analisar as práticas realizadas nos estágios supervisionado de ensino em geografia e seus desdobramentos na educação, tendo sido realizados no Colégio Estadual Professor Nestor Carvalho Lima. Essa

---

<sup>13</sup> Professora da Rede estadual em Sergipe, Graduada em geografia pela Universidade Federal de Sergipe.

<sup>14</sup> Doutor em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba, Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe; Especialista em Gestão de Políticas Públicas de Gênero e Raça pela UFS-SE e especialista em Educação Especial Pela FAVENI, Graduado em Geografia pela UFS-Campus Itabaiana e Graduado em Pedagogia pela UNINTER. Pesquisador do grupo de pesquisa Relação Sociedade-Natureza e Produção do Espaço Geográfico (PROGEO)/DGEI/UFS e membro do grupo CEGET-seção Paraíba.

compreensão dá-se no primeiro momento no estágio de observação, e sequencialmente, no estágio prático em sala de aula, no qual o estagiário assume a responsabilidade de interagir com os conhecimentos geográficos em sala de aula. Para tal, a utilização do método dialético e de metodologias ativas na aprendizagem, contribuiu para tornar as aulas atrativas e participativas, assim como, para melhorar a interação professor-aluno-estagiário no contexto de desenvolvimento das competências e habilidades na educação. Nesse bojo, tem-se na prática de ensino de geografia uma importante ferramenta metodológica que possibilita o acadêmico compreender as diferentes escalas de transformações do espaço geográfico, a partir da geografia escolar, assim como um elo transmissor de conhecimentos aos alunos em formação social. Nesse viés, a observação e a prática de pedagógica nos estágios de ensino traz uma internalização da importância que se tem de conjugar a teoria com a prática na construção do saber geográfico que será direcionado aos alunos da educação básica. Sendo assim, a prática de ensino em geografia nos estágios obrigatórios serviu de aprendizagem e, ao mesmo tempo, de conhecimento pedagógico para a atuação do estagiário em sala de aula, corroborando com a relação teoria-prática e aproximando a Universidade com a escola no processo de reconhecimento e construção do conhecimento pedagógico e geográfico, que é vivenciado por estudantes em todas as etapas formativas da educação básica.

**Palavras-chave:** Ensino-aprendizagem, prática de ensino em geografia, estágio supervisionado de ensino.

## **EXPERIÊNCIAS ENCONTRADAS NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NAS AULAS DE GEOGRAFIA**

Alicy de Mendonça Santos  
Emily Passos Lima

Este resumo tem o propósito de apresentar e relatar uma experiência de Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia I, realizado nos meses de agosto e setembro de 2023 em uma turma de 6º ano “A”, do ensino fundamental de uma escola pública da rede estadual, no município de Itabaiana- SE, a Escola Estadual Dr. Airton Teles. O principal objetivo deste trabalho foi discorrer os conteúdos relacionados a unidade temática “Dinâmicas do relevo e do solo”, a qual trazia assuntos como relevo, agentes internos e externos do relevo, relevo solo e moradia/agricultura etc. com a intenção de fazer uma relação entre o cotidiano dos alunos e os conteúdos programados. Para construção dos conhecimentos, foram executadas aulas expositivas, discussões em sala e realização de atividades, durante 4 semanas totalizando 13h/aulas. Na primeira semana foram realizadas aulas expositivas sobre o tema de relevo e formas de relevo terrestre juntamente com a confecção de desenhos e atividade no caderno, com o objetivo de relacionar a temática com o que é visto no dia a dia do aluno. Na segunda semana, foram discutidos temas a cerca dos agentes internos e externos que modificam o relevo, trazendo imagens

exemplificando as ações dos agentes em um contexto local e a realização de uma atividade de verdadeiro ou falso. Na terceira semana foram executadas aulas expositivas sobre solo e também tipos de solo, conteúdo o qual não está presente no livro didático dos alunos e que é um tema primordial para compreensão de toda a dinâmica do solo, juntamente com a realização de uma atividade lúdica. Na última semana foi discutido as relações entre relevo, solo, agricultura e moradia, onde através das aulas expositivas foi problematizado e discutido os temas e feita a aplicação de uma atividade do próprio livro didático que sintetiza toda a unidade temática. Portanto, diante do exposto, tendo a finalidade de efetivar as práticas docentes vivenciadas através do Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia I, foi possível perceber que um docente tem que está aberto a diversas possibilidades diante das dificuldades encontradas na sala de aula tanto por questões de infraestrutura como questões pedagógicas. Nesse sentido, apresentamos neste breve resumo estratégias adotadas para enfrentar tais desafios de ensino e aprendizagem, visto que o estágio é um dos primeiros contatos que o licenciando tem com a sala de aula e relatar a realidade que os espera futuramente. Desse modo, podemos perceber que o professor é uma peça fundamental na construção dos cidadãos críticos e com empatia, logo, conseqüentemente, formarão um mundo mais justo e humano.

**Palavras-chave:** aprendizagem, ensino de geografia, construção.

## **PRÁTICAS DE ENSINO: A IMPORTÂNCIA DA DIDÁTICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE**

Andreza Nascimento Santana  
Carolainy Andrade de Jesus  
Vitoria Meneses Passos

O presente estudo analisa a importância da didática no processo de formação docente. Esse foi escolhido mediante a formação inicial de professores de geografia, o qual destaca a execução do estágio supervisionado como um momento privilegiado do processo, pois, propicia a observação da prática docente, um dos fatores indispensáveis para o seu desenvolvimento acadêmico e profissional. Além disso, foi a partir do estágio que percebemos as dificuldades do ensino, de como se posicionar como professor, de como avaliar a realidade escolar da educação básica e o quanto é importante para a formação docente vivenciar essa experiência. Essa condição propiciou algumas dúvidas em relação ao ensino, como "será que vou ser um ótimo professor?", "será que vou saber dá o conteúdo?", "vou saber se posicionar na frente dos alunos?" Deste modo, o presente artigo ressaltar também o déficit do ensino e da vivência prática em sala de aula na formação docente do curso de geografia na Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus de Itabaiana. Nesse sentido, foi realizado um relato de vivência para situar as dificuldades do

processo de aprendizagem do docente e evidenciar concepções sobre a sua profissão (SANTOS, 2012). No acompanhamento do trabalho foi utilizado a produção de narrativas como instrumento de coleta de dados e outros mecanismos. Os dados presentes neste estudo revelam a dificuldade em sala de aula nos períodos de estágio, pois, os futuros docentes não tinham vivenciado e não sabiam como atuar diante de uma sala, haja vista não existir uma receita pronta de como se ensinar, pois existem culturas diferentes no ambiente escolar que alteram o modo de ensino. Sendo assim, cabe ao professor moldar seu modo de lecionar e marcar sua identidade a fim de obter maior excelência no alcance de seus objetivos como facilitador do conhecimento (SANTOS, 2012), ficando claro que essa prática deve ser experimentada já nos períodos iniciais, pois, desde a iniciação de um curso de docência começará a se habituar a realidade escolar, buscando melhorar seu desempenho e aperfeiçoando-se de forma pedagógica, metodológica e didática para agir em diversas situações em sala de aula, além de promover a formação de um cidadãos com pensamento crítico.

**Palavras-chave:** Formação docente, ensino, didática.

#### Referência

SANTOS, M. F. P. DOS. **O Estágio enquanto espaço de pesquisa: caminhos a percorrer na formação docente em geografia.** Porto Alegre: Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2012.

## **A RELAÇÃO CONTEÚDO-REALIDADE DO ALUNO**

Bianca Beatriz da Mota Souza  
Mateus Dória Alves

O presente artigo terá por objetivo analisar a relação entre os conteúdos que são aprendidos em sala de aula, teoria, e como os alunos absorvem tais teorias ao serem realizadas na prática, ou seja, a forma como estes fazem conexões com a realidade em que estão inseridos. Para a construção do presente artigo foram realizadas leituras, a partir de textos relacionados a essa temática, a fim de que tivéssemos material teórico de apoio e servisse também como suporte para sua construção, considerou-se ainda as experiências que foram presenciadas nas práticas realizadas no estágio. No momento presente, como desde muito tempo, o ensino, principalmente o geográfico, parece algo desconectado da realidade do aluno. Fato atestado em Fernandes (2008) que afirma a impositiva desconsideração com esta ciência: “Das coisas sem serventia uma delas é a geografia” (FERNANDES, 2008, p.10). Essa citação é uma forma de crítica de como o ensino de geografia é apresentado nas salas de aula, algo muito mecânico, aparentemente desconectado da realidade do aluno. Aspecto esse que é atestado nos estágios quando do uso do material didático-pedagógico disponível, porém quando esse mesmo ensino é associado ao contexto social em que o aluno está inserido, é perceptível que diversas questões se abrem pelo fato dos alunos se reconhecerem como sujeitos desse espaço, ou seja, por meio de problematizações os alunos puderam fazer as conexões e relacionaram de forma clara e crítica a teoria presente no livro didático com a realidade presente em seu meio social. Cabe salientar



também que para além de determinados assuntos, determinadas temáticas parecerem distintas da realidade dos alunos. A prática do educador em ministrar e repassar tais assuntos merece destaque, ou seja, o modo com que o professor traz a temática para o aluno, tendo em vista o método positivista, método esse que por muitos anos influenciou a Geografia, bem como na formação de futuros docentes, fez da Geografia um ensino de memorização e colocava os professores como únicos detentores do conhecimento e os alunos como meros receptores. O respectivo método não contribuiu para a formação de alunos e docentes críticos, bem como impossibilitou uma conexão, por parte dos discentes, entre os conteúdos e a realidade com que estavam inseridos. Sendo assim, atesta-se que por meio de algumas técnicas, a relação entre o conteúdo e a realidade dos alunos promove harmonia entre o conteúdo e a prática docente, agregando didática e envolvendo a participação dos mesmos, mediante leitura crítica de seu próprio mundo.

## **O PAPEL DOS RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA ESCOLAR**

Eloísa Santana Santos  
Talya Lima Santos

O presente trabalho ganha forma através do relato e da análise das experiências realizadas no período de estágio no Colégio Estadual Murilo Braga, localizado no município de Itabaiana-SE, onde foram aplicados diferentes recursos didáticos ao longo das aulas na turma do 9º ano A<sub>1</sub>. A partir da aplicação desses recursos, foram observados os efeitos produzidos por cada um deles no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista os diversos modos de conhecimento através de linguagens geográficas distintas (RAMOS, 2012). Nesse sentido, ao transformar a sala de aula em uma espécie de laboratório de testagem, tornou-se evidente a importância da utilização de diferentes abordagens. Sendo assim, este estudo tem como objetivo principal, verificar o papel e a importância dos recursos didáticos no ensino de uma Geografia que se propõe a ir além de conteúdos decorativos, ao buscar uma aprendizagem efetiva e repleta de significados (ALENCAR, et. a. 2018). Nesse sentido, a metodologia adotada consiste em um levantamento bibliográfico a respeito do tema, além do relato e análise da vivência durante o estágio. Os resultados obtidos evidenciaram a importância considerável da utilização de uma maior diversidade de recursos didáticos nas

aulas de Geografia, considerando que estes se caracterizam como decisivos no processo de aprendizagem (ou não) dos conteúdos ministrados, que de acordo com suas especificidades se encaixam de forma mais ou menos apropriada. Constatou-se principalmente uma maior interação dos alunos durante as aulas realizadas de forma dinâmica por meio do uso de mapas, imagens e jogos, que fugiam do rotineiro “kit aula” (livro didático e quadro branco) que apesar de serem essenciais no dia a dia das escolas (considerando que muitas vezes são os únicos recursos disponíveis) não se bastam por si só e precisam ser complementados (MOREIRA, 2012). Em síntese, este trabalho demonstrou a relevância das “testagens” em sala de aula, a partir da utilização de diferentes recursos didáticos e da observação de seus rebatimentos, os quais se caracterizam por serem importantes para a Geografia escolar, mas que não devem ser encarados como os “salvadores da pátria”, considerando que existem outros fatores influenciando ativamente na aprendizagem dos alunos, tanto em relação às suas individualidades quanto a ideias e comportamentos coletivos que ao serem introjetados em suas cabeças durante a vida escolar, podem dificultar determinados processos. Evidenciando, assim, a impossibilidade de um ensino perfeito, mas a perfeita possibilidade de continuar tentando chegar o mais próximo possível dele.

**PALAVRAS-CHAVE:** Recurso Didático; Ensino; Geografia.

## REFERÊNCIAS

MOREIRA, F. C. O ensino de Geografia e o uso de Recursos Didáticos e Tecnológicos. **GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeducacionais**, Fortaleza; v. 3, n. 5, p. 12-20, 2012.

RAMOS, M. G. S. **A Importância dos Recursos didáticos para o Ensino da Geografia no Ensino Fundamental nas Séries Finais**. Brasília: UnB, 2012.

ALENCAR, J. J; SILVA, S. J. Recursos Didáticos não convencionais e seu papel na Organização do Ensino de Geografia Escolar. **GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeducacionais**, Fortaleza, v. 9, n. 18, p. 1-14, mai./ago. 1018.

## **ESTRATÉGIA DE ENSINO DO CLIMA NA GEOGRAFIA ESCOLAR: VIVÊNCIA DE ESTÁGIO CURRICULAR**

Jean do Nascimento Carvalho  
Larissa Monteiro Rafael

A Geografia é uma ciência importante para análise da dinâmica da relação sociedade-natureza. Ela também é responsável por formar sujeitos conscientes dessa dinâmica, a partir de seus cursos de licenciatura. Neste sentido, a contextualização da prática do Estágio Curricular tem um importante papel na formação do professor de Geografia. Para a Educação Geográfica, as mudanças presentes nas estratégias ou metodologias de ensino decorrem do desafio de promover a aprendizagem efetiva dos alunos. No caminho desse desafio, está a Climatologia Geográfica Escolar. Apesar de interferir no cotidiano das pessoas, o abismo entre a Geografia acadêmica e a Geografia escolar, especialmente no campo da Geografia Física, escanteada no currículo dos cursos da licenciatura (SILVA e CARDOSO, 2018), tem contribuído para aprofundar essa lacuna. Essa carência se observa tanto na dificuldade dos professores em ensinar esse conteúdo de forma contextualizada e atualizada, quanto na disponibilidade de recursos didáticos para auxiliá-los nesse processo. Objetiva-se compreender a importância das estratégias de ensino referente ao conteúdo de clima no processo de desenvolvimento da Geografia Escolar

em sala de aula. Para os objetivos específicos tem-se por: destacar os diferentes tipos de estratégias e metodologias de ensino voltadas para o assunto de Clima; abordar a vivência do estágio curricular e a relação com as práticas de ensino da Geografia Escolar no conteúdo sobre o Clima. Para tanto, foi realizado uma breve análise da literatura sobre Ensino de Climatologia na Educação Básica e a relação com as observações do Estágio Supervisionado, realizado em uma turma do 6º ano de uma escola municipal no município de Itabaiana. No livro didático se observou o conteúdo de Clima ainda de caráter descritivo e conceitualmente orientado, tornando-o abstrato. A prática de ensino voltada para a representação da Climatologia Dinâmica, como El Niño/La Niña, Efeito Estufa e da Climatologia Sistemática como os tipos de Clima, foi especialmente difícil por abordarem lugares distantes da representação espacial dos estudantes. Já o conteúdo voltado aos riscos ambientais que decorrem da dinâmica climática, como enchente, conseguiram envolver mais facilmente os alunos nas práticas de ensino. Sobre as estratégias percebidas como mais eficientes para aprendizagem dos estudantes, verificou-se que o uso de recursos multimídias, contendo imagens e vídeos da paisagem reconhecida pelos estudantes, ou Graphics Interchange Format (GIF) que eles reconhecem das redes sociais, favoreceram a uma maior participação nas práticas. O uso de jogos a partir de equipes para abordar tópicos conceituais também favoreceu o envolvimento dos estudantes.

**Palavras-Chave:** Estágio Curricular. Climatologia Geográfica Escolar. Educação Geográfica.

## **REFERÊNCIAS**

CARDOSO, Cristiane; SILVA, Michele Souza da. A climatologia geográfica na formação e na prática do docente de Geografia. In: \_\_\_\_\_ **A Geografia Física: teoria e prática no ensino de Geografia**. Editora Appris, 2018.

## **METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO GEOGRÁFICO**

Johnatan do Espírito Santo<sup>15</sup>  
Cláudio Abraão Santos de Souza<sup>16</sup>  
Diana Mendonça de Carvalho<sup>17</sup>  
Laiany Rose Souza Santos<sup>18</sup>

As metodologias ativas perfazem um rol de ações autônomas e participativas que visam fortalecer o processo de construção de conhecimento. O seu uso impulsiona o envolvimento dos alunos, tornando-os protagonistas na concretização do aprendizado, ao se utilizarem de recursos variados, mediante planejamento docente. Por isso, é necessário que docentes e futuros professores pensem formas de inserir e tornar a dinâmica de uma sala de aula mais atrativa para os alunos. Nos últimos anos o debate acerca de práticas pedagógicas que fortaleçam a relação ensino-aprendizagem vem

---

<sup>15</sup> Graduando em Geografia na Universidade Federal de Sergipe (UFS) - Campus Professor Alberto Carvalho – Itabaiana - Sergipe.

[johnatanespsantos@gmail.com](mailto:johnatanespsantos@gmail.com)

<sup>16</sup> Graduando em Geografia na Universidade Federal de Sergipe (UFS) - Campus Professor Alberto Carvalho – Itabaiana - Sergipe.

[abraosantts@gmail.com](mailto:abraosantts@gmail.com)

<sup>17</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> DGEI/UFS - Campus Professor Alberto Carvalho – Itabaiana - Sergipe. E-mail: [dianamendoncadecarvalho@gmail.com](mailto:dianamendoncadecarvalho@gmail.com)

<sup>18</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> DGEI/UFS - Campus Professor Alberto Carvalho – Itabaiana - Sergipe. E-mail: [laiany.santos@gmail.com](mailto:laiany.santos@gmail.com)



ganhando um maior enfoque, visto a grande defasagem desta relação no período pós-pandêmico (objeto de estudo deste artigo). Período este no qual alunos que tiveram parte da sua formação no formato remoto possuem dificuldades em, neste novo cenário pós-pandemia, mais uma vez, se inserir na dinâmica da sala de aula. Assim, propomos ao leitor, pensar e refletir sobre o uso de metodologias ativas como um recurso didático significativo, como apontado por Moraes e Castellar (2018, p.2): “as metodologias ativas amplamente difundidas têm se apresentado como eficazes, por serem estratégias que minimizam ou solucionam alguns dos problemas encontrados no espaço escolar”. Dessa forma, o artigo tem como objetivo avaliar a utilização de metodologias ativas em sala de aula, em especial no ensino de Geografia. Para tanto, parte-se da seguinte pergunta de pesquisa: Como as metodologias ativas contribuem para a construção do conhecimento geográfico junto aos discentes? Diante disso, assevera-se que as metodologias ativas podem ser utilizadas como um recurso didático para a construção de uma relação ensino-aprendizagem significativa, tanto para os alunos, quanto para os professores, haja vista estabelecer relações de cordialidade entre ambos sujeitos. A construção deste trabalho perpassou a experiência e a contribuição vivenciada no Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia I e II, junto ao Departamento de Geografia, Campus Prof<sup>o</sup> Alberto Carvalho, Universidade Federal de Sergipe. O trabalho foi desenvolvido em caráter empírico-analítico-crítico, com base qualitativa, a partir dos

seguintes referenciais: CASTELLAR e MORAES (2018), CAVALCANTE (2013) e GEMIGNANI (2012). Por essa condição, a metodologia ativa se coloca como instrumento auxiliar utilizado na ciência geográfica, possibilitando a construção do conhecimento de forma interativa e comunicativa.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia; Conhecimento geográfico; Metodologias ativas.

## REFERÊNCIAS

CASTELLAR, S. M. V.; MORAES, J. V. de. Metodologias ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**. Vol. 17, Nº 2, 422-436 (2018). Disponível em <[http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen17/REEC\\_17\\_2\\_07\\_ex1324.pdf](http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen17/REEC_17_2_07_ex1324.pdf)> . Acesso em: 14 out. 2023.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Apre(e)nder a paisagem geográfica: a experiência espacial e a formação do conceito no desenvolvimento das pessoas. In: PEREIRA, Marcelo Garrido (Comp.). **La opacidade del Paisaje imagens e tempos educativos**. Porto Alegre. Imprensa Livre, 2013. Cap. 10, 219-239.

GEMIGNANI, E. Y. M. Formação de Professores e Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem: Ensinar Para a

Compreensão. **Revista Fronteira das Educação** [online], Recife, v. 1, n. 2, 2012. Disponível em <[https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/44794206/Formacao\\_de\\_Professores\\_e\\_Metodologias\\_ativas\\_-\\_Beth\\_Rev\\_Fronteiras\\_da\\_Educacao\\_\\_Recife\\_2012.-libre.pdf?1460818523=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DFormacao\\_de\\_Professores\\_e\\_Metodologias\\_A.pdf&Expires=1699211859&Signature=XrX7k~HHnilEdmPj87udTrvXiqNXQXu-QTyra2l138L70MkWfBEoML0vNIK4pMHEa11KMOxyNAh2c5WPUrkOfXewx~EWQ1wTfhOwULezWeZ4pnmxxXFMkCCTbec9YGh7sYTYQ5S1T8S2MNl9a365ip3fC70OFvdGbFi9264pVNA-qmIHHznVl0phO6JkSqLUNaTKIqOfQGYuREgIy~M8rvHbIZ83u06e0GiLcdAdGntSpSgNKhSyhTikzjcXOKjs8QmTNMg3S1dS6PHItX0LsBKVF8qxI27s~mdtoC-55usiFLakGhgp6timglGE8c65RHcdp3N42AmB2P5DXDGCL7Q\\_\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/44794206/Formacao_de_Professores_e_Metodologias_ativas_-_Beth_Rev_Fronteiras_da_Educacao__Recife_2012.-libre.pdf?1460818523=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DFormacao_de_Professores_e_Metodologias_A.pdf&Expires=1699211859&Signature=XrX7k~HHnilEdmPj87udTrvXiqNXQXu-QTyra2l138L70MkWfBEoML0vNIK4pMHEa11KMOxyNAh2c5WPUrkOfXewx~EWQ1wTfhOwULezWeZ4pnmxxXFMkCCTbec9YGh7sYTYQ5S1T8S2MNl9a365ip3fC70OFvdGbFi9264pVNA-qmIHHznVl0phO6JkSqLUNaTKIqOfQGYuREgIy~M8rvHbIZ83u06e0GiLcdAdGntSpSgNKhSyhTikzjcXOKjs8QmTNMg3S1dS6PHItX0LsBKVF8qxI27s~mdtoC-55usiFLakGhgp6timglGE8c65RHcdp3N42AmB2P5DXDGCL7Q__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA)>. Acesso em 5 out. 2023.

## **A EDUCAÇÃO SOB O NEOLIBERALISMO: DIREITO OU MERCADORIA?**

Tiago Barreto Lima<sup>19</sup>

João Pedro Celestino dos Santos<sup>20</sup>

Ana Rocha dos Santos<sup>21</sup>

O ser social, fundado pelo trabalho, produz a realidade social (TONET, 2018). No movimento dialético de construir objetos que respondam às demandas, o ser social transforma a natureza e se autotransforma, conseqüentemente, o grau de dominação da natureza pelo homem aumenta e se complexifica. Desse modo, o mundo, que é social, é construído, destruído e reconstruído ao passo que os homens se realizam. Assim, a lógica dialética nos permite afirmar que o devir é constante, pois a decadência faz parte do processo, nada, sob a dialética, é estático e sem movimento, dado que as coisas estão em movimento/processo/realização (Lakatos, 2017). Com isso, é a superação do que está posto, possível pelo desenvolvimento e acúmulo do conhecimento gerado pelo ser social, que proporciona a procura incessante pelo novo. Posto isso, o

---

<sup>19</sup> Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, Brasil. E-mail: thiagobarreto824@gmail.com

<sup>20</sup> Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, Brasil. E-mail: jpedro.celestino\_2012@hotmail.com

<sup>21</sup> Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, Brasil. E-mail: anarochaufs@gmail.com

conhecimento é produto da realização do homem/mulher, o que revela o seu caráter social, coletivo e transformador. O conhecimento não pertence a uma única classe social, mas sim a todos os sujeitos sociais, ainda que no modo de produção capitalista seja a classe dominante a responsável pela definição do que será difundido para o conjunto da sociedade. O controle do conhecimento se constitui, portanto, em uma arma poderosa. Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo analisar as ações neoliberais na educação brasileira, num contexto de aprofundamento da crise estrutural do capital e da necessidade de manter o processo de acumulação. Para tanto, os pesquisadores adotam o materialismo histórico e dialético como método de pesquisa, com vistas a analisar o fenômeno para além da aparência e sim chegar a sua essência. A metodologia realizada pautou-se na revisão bibliográfica como artigos, teses e documentários. O capital, no seu processo de realização, calcado na destruição e barbárie, caminha inevitavelmente para o aprofundamento de crises, o que tem provocado mudanças em relação ao mundo do trabalho, ao papel do Estado e, conseqüentemente, a transformação de direitos em serviços que se compram. Assim, a educação se torna um campo frutífero aos olhos do capital, num movimento de destituir um direito, garantido na Constituição Federal do Brasil de 1988, em detrimento da sua realização como mercadoria. Esclarece-se que a educação enxergada como mercadoria teve com a realização da Conferência Mundial de Educação para todos, em Jontien, Tailândia, no ano de 1990,

um de seus marcos (Albuquerque, 2021). Como resultado da encimada conferência elencou-se um documento conhecido como “Carta de Jomtien”, em pormenores, um manual de como a educação deveria ser mercantilizada e apropriada pelas instituições financeiras. No Brasil, por exemplo, a Carta foi instrumento elementar na construção de importantes documentos educacionais sob o liame do Banco Mundial, além de fomentar as ações de distintos governos no trato com a educação, com a negação do que previa a CF88, assiste-se no país uma avalanche neoliberal na educação brasileira. Diversas ações praticadas pelos governos brasileiros a partir de 1990 ratificam o aprofundamento do neoliberalismo na educação. As políticas educacionais de cunho neoliberal podem ser identificadas na formulação de currículos (BNCC, mais recente), na adoção de avaliação padronizada, como o SAEB, PISA, ENEM, ENADE, na política de formação docente e precarização do trabalho do professor. O enfrentamento a essas políticas passa, necessariamente, pela organização e luta dos trabalhadores para a garantia da educação como direito.

**Palavras-chave:** Educação; Neoliberalismo; Brasil.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. A. M. de. *et al.* **Manifesto:** crítica às reformas neoliberais na educação – prólogo do ensino de geografia. Marília: Lutas Anticapital, 2021. ISBN 978-65-86620-61-0

MARCONI, M. de. A.; LAKATOS, E. M. Métodos científicos. *In*: MARCONI, M. de. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017. p. 91-121. ISBN 978-85-970-1076-3

TONET, IVO. **Método científico**: uma abordagem ontológica. 2. ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2018. ISBN 978-85-92836-25-2

## EIXO 02

# GEOGRAFIA AGRÁRIA



## **REGISTROS DE VIOLÊNCIA: “NO CALOR DA HORA”**

Adryel Silva Vasconcelos<sup>22</sup>  
Fabrícia de Oliveira Santos<sup>23</sup>

A pesquisa considera o papel do jornal como o principal veículo de comunicação de massa no final do século XIX, portador de discursos sob um possível capitalismo tipográfico que acentua as desigualdades sociais, incluindo o espaço geográfico. E nas contradições que cercam o campo e a cidade, a desinformação divulgada pelos meios de comunicação podem figurar como expressões da violência que acentuam conflitos ao mesmo tempo em que pregam o contrário. A construção de notícias mais rápidas e/ou curtas torna a realidade cada vez mais virtual e conectada: a busca incessante por informação que está sujeita a um campo maior de discussão de acordo com sua disponibilidade online e veloz. Sobre o campo, as informações podem despersonalizar questões contemporâneas, como o uso indiscriminado de agrotóxicos, a opressão do trabalhador camponês e os crescentes casos de depressão e suicídio. Com o objetivo de desvelar discursos associados à violência na terra para contribuir na formação de

---

<sup>22</sup> Graduando DGEI – Bolsista PIBIC/COPES/UFS; Pesquisador do GEFTI/DGEI/UFS; E-mail: vasoncelossadryel@gmail.com

<sup>23</sup> Professora DGEI/UFS; Pesquisadora do GPECT/CNPq/UFS. Coordenadora do GEFTI/DGEI/UFS. E-mail: fabriciasi@gmail.com

uma consciência histórica e geográfica sobre a questão, a pesquisa desenvolvida trabalha recortes temporais na escala que abrange a região Agreste de Sergipe, destaque inicial aos municípios de Itabaiana, Malhador e Moita Bonita, devido à origem dos relatos iniciais que suscitaram para uma análise sobre violência na terra associada ao trabalho camponês e ao desmatamento alienados que podem estar divulgados em mídias digitais. Além disso, as relações do ser humano/homem com a terra e a sua ocupação precária tornam-se um dos diversos agentes geradores de conflitos no campo. Sobretudo, as transformações que acontecem ao longo das décadas e o direito à terra vão direcionar tais conflitos a outros patamares. Diante disso, a dominação, tanto por meio da comunicação e das políticas públicas, mantém os status de relações de controle social, que de forma violenta limita os recursos essenciais para a permanência da vida no campo, e desempenham um papel crucial que vai contra a proteção do patrimônio brasileiro e das vidas originárias, fator que conserva a violência como ferramenta de subversão das massas camponesas e demais categorias ligadas ao campo.

**Palavras-chave:** violência na terra; camponês; mídia;

## **QUESTÃO AGRÁRIA: TESES CONTRADITÓRIAS SOBRE O MUNDO RURAL BRASILEIRO**

Camilly Vitória de Jesus Santos<sup>24</sup>

Eline Maria Oliveira Santos<sup>25</sup>

Diana Mendonça de Carvalho<sup>26</sup>

A questão agrária referenda o estudo da estrutura distributiva de terras num dado espaço. No caso em tela, será analisado as contradições da questão agrária brasileira, bem como da incompatibilidade do discurso proposto com a realidade do campo. Esse estudo foi fomentado a partir de uma proposta desempenhada na disciplina de Geografia Agrária, por meio da leitura de artigos e do conteúdo trabalhado em sala de aula, com o intuito de conectar os vários contextos do mundo rural. Assim, a pesquisa é de cunho analítico, considerando revisão bibliográfica a respeito da Questão Agrária no Brasil, embasada em Buainain (2013) e Buainain (2014). A partir desses avaliou-se algumas teses: A primeira estaria fincada numa nova

---

<sup>24</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho em Itabaiana/Sergipe. Email: camilysts52@gmail.com

<sup>25</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho em Itabaiana/Sergipe. Email: elinemariaos@academico.ufs.br

<sup>26</sup> Prof<sup>a</sup> do DGEI/GEPRU/UFSS. Email: dianamendoncadecarvalho@gmail.com

fase do desenvolvimento agrário pautado na valorização do grande capital, que impõe um novo padrão de produção e rebaixa o papel social da terra, negando a sua importância dentro do processo produtivo. A segunda tese traz uma exaltação das inovações técnicas que ocorreram na agricultura com a Revolução Verde, sem levar em consideração os problemas desencadeados no campo. A terceira tese apresenta duas frentes, de um lado, um grupo pequeno com condições de investir fortemente na produção e de outro, um que luta e resiste para conseguir se manter dentro do espaço rural. Tem-se então um engrandecimento do agronegócio e de sua capacidade produtiva e econômica, criticando a pequena e média propriedade por não alcançarem os padrões dessa produtividade. Já a quarta tese se intitula como: a história não terminou, mas o passado vai se apagando e traz um dos termos mais importantes da questão agrária brasileira, a reforma agrária, que é vista como uma mera justificativa social e busca apenas ajudar os pobres. Enfatiza-se que o Estado deveria repensar suas políticas para o campo, pois os pequenos agricultores não estariam produzindo o suficiente. Esta ideia nega a importância da agricultura familiar, inviabilizando seu papel como principal produtora do alimento que chega nas mesas dos brasileiros. Diante dessas teses, vê-se uma exaltação da lógica do agronegócio, bem como, do enfoque agroexportador, através da inserção tecnológica; e desmerece a diversidade do mundo rural brasileiro, por focalizar o desenvolvimento produtivo, ao invés do rural. Logo, o novo mundo rural é, portanto, reflexo de um

processo excludente construído pelos detentores do poder e do capital, que mostra o grau de barbárie do capitalismo.

**Palavras-chave:** mundo rural; questão agrária; contradição.

#### REFERÊNCIAS

BUAINAIN, A. M., ALVES, E., SILVEIRA, J. M. DA, NAVARRO, Z. (Orgs.). **O mundo rural no Brasil do século 21:** a formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília, DF: Embrapa, 2014.

BUAINAIN, A. M., ALVES, E., SILVEIRA, J. M da, NAVARRO, Z. Sete teses sobre o mundo rural brasileiro.

**Revista de Política Agrícola.** Brasília: Ano XXII, Nº. 2, p. 105 – 121, Abr./ Maio/Jun. 2013. Disponível em < <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/964720/sete-teses-sobre-o-mundo-rural-brasileiro> >. Acesso 10 mai. 2022.

## **A FALÁCIA SOBRE O NOVO RURAL BRASILEIRO**

Carla Vitória Ribeiro Ferreira<sup>27</sup>

Joana Ruthellen da Conceição<sup>28</sup>

Mariana Santos Freitas<sup>29</sup>

Diana Mendonça de Carvalho

A história nacional do Brasil é marcada por diversas transformações agrárias e agrícolas no campo. Deste modo, pensar um "novo rural" é desconsiderar a continuidade histórica e social no campo brasileiro. Isso porque o Brasil sempre foi um país latifundiário, com concentração de terra, desde a sua invasão com as grandes produções canavieiras até as monoculturas de milho e soja atuais. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo apresentar uma discussão relacionada à falácia do novo rural brasileiro, bem como fazer

---

<sup>27</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, em Itabaiana/Sergipe. E-mail: c.vitoria.r.f@gmail.com

<sup>28</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, em Itabaiana/Sergipe. E-mail: joanaruthellen2312@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, em Itabaiana/Sergipe. E-mail: MarianaF@academico.ufs.br

<sup>29</sup> Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. do DGEI/GEPRU/UFs. E-mail: dianamendoncadecarvalho@gmail.com

uma relação entre o contexto histórico desde a sua invasão até as grandes produções do agronegócio mundializado. A pesquisa tem caracter analítico-qualitativo, incluindo leituras de artigos, capítulos de livros, vídeos, músicas, apresentações de seminários e discussões advindas da disciplina Geografia Agrária/DGEI/UFS. Dessa maneira, intui-se a reformular o conceito do que seria o novo rural. Deste modo, o pensamento de Silva (2002 e 1998) compreende que embora leve o título de "novo", na prática persistem as mesmas práticas e quem lucra se mantém historicamente se beneficiando da renda da terra (OLIVEIRA, 1995). Neste contexto, a década de 1980 perfaz uma ruptura na forma de pensar a lógica acumulativa no país e no mundo rural, ao ser considerada a década perdida, pois foi marcada por profundas mudança, ao testemunhar contrastes econômicos, a transição política com o fim da ditadura militar em 1985 e a abertura democrática que também tiveram implicações no setor rural. Nesta condição, conforme o país se abria para a interferência neoliberal e para o mercado externo, com a imposição de políticas econômicas que conjugava capital privado com o estrangeiro, o monopólio da terra nas mãos de alguns poucos proprietários rurais se intensificava. Fato que resultou na ampliação de conflitos agrários, que desde a década de 1960 era reprimido pelo Estado. Com a redemocratização do país, os movimentos sociais rurais levantam a luta por reforma agrária e igualdade de acesso à terra com o surgimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). Logo, o "novo

rural" brasileiro não pode ser construído em cima da lógica de modernização apenas, desconsiderando a participação de pequenos agricultores, sem continuidade histórica e social no campo, ao analisar as mudanças econômico-políticas da questão agrária e agrícola do país. Assim, o “novo rural” não passa de uma falácia que desconsidera a história e a complexidade do campo brasileiro.

**Palavras-chave:** Novo-rural. Campo. Mudanças.

#### REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, A. U. de MODO CAPITALISTA DE PRODUÇÃO DA AGRICULTURA.

São Paulo, ed. Ática. 1995.

SILVA, J. G. da. A nova dinâmica da agricultura brasileira. 2. Ed. rev.- Campinas. SP: UNICAMP. IE,1998.

SILVA, J. G. da. O novo rural brasileiro. Campinas, SP: Unicamp, 2002.



## **PONDERAÇÕES SOBRE A MUNDIALIZAÇÃO DA AGRICULTURA BRASILEIRA**

Cleiton Silva Nunes<sup>30</sup>

Ronne Von Santana dos Santos<sup>31</sup>

Diana Mendonça de Carvalho<sup>32</sup>

O presente trabalho aborda a perspectiva teórica da questão agrária, com o objetivo de analisar e compreender as transformações significativas pelas quais a agricultura brasileira tem passado nas últimas décadas, influenciadas pela mundialização do capital em escala global. Examinou-se a produção de commodities agrícolas e o papel das empresas multinacionais nesse processo, bem como suas implicações nas questões agrárias, no “novo rural”, na estrangeirização das terras e em outras temáticas relevantes. Sendo assim, discutiu-se e analisou-se as implicações atuais da mundialização da agricultura brasileira, utilizando-se de uma abordagem analítico-qualitativa, a partir da pesquisa bibliográfica embasada no

---

<sup>30</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, em Itabaiana/Sergipe. E-mail: [cleiton22@academico.ufs](mailto:cleiton22@academico.ufs)

<sup>31</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, em Itabaiana/Sergipe. E-mail: [ronnesantana2525@hotmail.com](mailto:ronnesantana2525@hotmail.com)

<sup>32</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> do DGEI/GEPRU/UFS. E-mail: [dianamendoncadecarvalho@gmail.com](mailto:dianamendoncadecarvalho@gmail.com)

arcabouço teórico e metodológico oferecido pela disciplina Geografia Agrária, utilizando-se de artigos e livro sobre a temática. Durante a apresentação oral de seminário temático foi utilizado recursos audiovisuais como o data show, que contribuiu para a exposição das dinâmicas do agronegócio nesse contexto. Para compreender a concentração de terras nas mãos do mercado globalizado no Brasil, foi necessário entender sua formação histórica e os fatores que levaram às atuais condições, com a terra sendo tratada como uma mercadoria nas mãos de poucos. Os grupos do 4º período se propuseram a debater e transmitir temas relacionados à situação da agricultura brasileira, sendo a mundialização da agricultura no Brasil um dos. Neste quadro, destacou-se a Lei de Terras de 1850, que regulamentou a propriedade privada e a demarcação de terras. Além disso, analisou-se a atuação dos latifundiários de forma a manter suas regalias junto ao Estado e a submissão da classe trabalhadora, uma vez que milhões de pessoas não tinham acesso à terra para produzir e sobreviver, tornando-se mão de obra dos grandes proprietários com baixos salários, ou representantes da luta pela terra. Ao longo do tempo, pouco foi feito para amenizar essa dívida histórica em relação à classe mais pobre do Brasil. O surgimento das empresas multinacionais, em busca de uma visão mais globalizada do país, contribuiu para a exportação de commodities e enfraqueceu a produção nacional em larga escala para o mercado local, contribuindo para o encarecimento alimentar no país. Sendo assim, a partir do diálogo estabelecido em sala de

aula, pode-se refletir sobre a conjuntura atual da agricultura no país, compreendendo-se que as empresas multinacionais financiam e monopolizam os meios de produção, além de propagarem a ideia de forma midiática, que grandes latifúndios são a solução para a economia local e alimentar do país, criando uma situação de dominação e subordinação sobre os pequenos produtores, que persistem na luta pela terra e pela sobrevivência no campo.

**Palavras-chave:** Mundialização da agricultura brasileira; Geografia Agrária; Agronegócio e Pequenos produtores.

## **CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DO EXÔDO RURAL: UM ESTUDO DE CASO NO POVOADO DO TARUGO POÇÕES-BA, BRASIL**

Daniela Seles de Andrade<sup>33</sup>

Fernanda Viana de Alcantara<sup>34</sup>

O processo de migração está associado principalmente aos aspectos econômicos, uma vez que os meios de produção estão todos sobre o poder de apenas uma pequena parcela da sociedade. Essa condição de concentração dos meios produtivos ocasiona a exploração do trabalhador, que em busca de uma condição de vida mais favorável é levado a migrar, principalmente do espaço rural. No povoado do Tarugo, Poções-Ba, Brasil, esse movimento está associado principalmente a necessidade de investimentos em políticas públicas, mecanismos de locomoção ao povoado, condições básicas de acesso as estradas e aumento da renda familiar. Assim, no intuito de compreender as dinâmicas desta atividade, o estudo busca analisar de que maneira os desafios enfrentados na agricultura familiar interfere no fenômeno êxodo rural no Povoado do Tarugo Município de Poções-Ba, entender as

---

<sup>33</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

<sup>34</sup> Professora do Departamento de Geografia e do Programa Pós-Graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; e do Colégio Estadual Dom Climério de Almeida Andrade – CEDOCA.

causas e consequências referentes à migração rural no povoado, bem como verificar a existência de política pública e incentivo que favoreçam a diminuição dessa atividade no dito espaço. Nesta perspectiva, para melhor exposição do tema, primeiramente foi feito o levantamento bibliográfico, posteriormente realizou-se uma coleta de dados no povoado, através da aplicação de trinta e sete questionários com famílias e cinco entrevistas de forma aleatória, que auxiliou na verificação do perfil da família, produção e, sobretudo da comercialização. Diante disso, a pesquisa em questão abordou de maneira geral um tema complexo e, sobretudo inédito no que se refere ao local de estudo. E os resultados conduziram a indagações para trabalhos futuros, como a vivências dos idosos e a aposentadoria rural, assim como, o papel da mulher no desenvolvimento da agricultura e os impactos causados ao meio ambiente por produtos químicos, potencializando o uso de cultivos de produtos orgânicos, ou até mesmo a pluriatividade como atividade através do turismo rural, uma vez que o local oferece locais para a prática de trilhas ecológicas, dentre outros. Sendo assim, pelas possibilidades demarcadas pela pesquisa é possível gerar soluções outras no espaço geográfico, que contribua para a geração de trabalho e renda, dirimindo a condição do fluxo migratório do local.

**Palavras-chave:** Espaço rural, Políticas Públicas e Migração.

## REFERÊNCIAS

DAMIANI, Amélia Luísa. **População e geografia**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRARI, Monia de Melo. **A migração nordestina para São Paulo no segundo governo Vargas (1951-1954) - Seca e desigualdades regionais**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - 2005.

SOUSA, Manoel Alex da Silva, ALVES, Rhanes Souza.

**Ocupação da terra e pecuária no Arraial dos Poções no século XIX**. (monografia) Vit. Da Conquista. 2002.

VEIGA, José Eli. Destinos da ruralidade no processo de globalização. **Revista Estudos Avançados**. 18, p. 51-67, 2004.

## **UMA LEITURA DA CONDIÇÃO AGRÁRIA NO BRASIL**

Emanuel Messias Dantas Ferreira<sup>35</sup>

Sérgio Luiz de Oliveira Muniz<sup>36</sup>

Diana Mendonça de Carvalho<sup>37</sup>

A Questão Agrária referenda a condição de transformação da natureza em propriedade privada mediante delimitação territorial. Essa questão é secular no Brasil, haja vista a constante demarcação histórica da terra para condições produtivas na lógica agroexportadora, a começar pela cana, depois café, entre outros. Deste modo, o tema remete aos inúmeros problemas oriundos da concentração de terras, visto que as propriedades no Brasil historicamente são bastante concentradas, tendo início apenas na década de 1950 a luta e diálogos sobre a reforma agrária, por conta de insatisfação popular acerca de injustiças sociais (MARTINS, 2003). Diante disso, a pretensão do presente trabalho é analisar, de forma geral, a condição agrária do Brasil, mediante embates do grande latifúndio versus a pequena agricultura de base familiar. A

---

<sup>35</sup> Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: [sergioluizmuniz@academico.ufs.br](mailto:sergioluizmuniz@academico.ufs.br)

<sup>36</sup> Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: [emanuelufs@academico.ufs.br](mailto:emanuelufs@academico.ufs.br)

<sup>37</sup> Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: [emanuelufs@academico.ufs.br](mailto:emanuelufs@academico.ufs.br)

pesquisa tem base qualitativa, com referencial bibliográfico trabalhado na disciplina de Geografia Agrária/DGEI/UFS. Pelo tema, a questão da reforma agrária se desnuda também na dita Revolução Verde, marcada pela tecnificação, que objetivava acabar com a fome no pós-guerra, mas sendo um movimento que atendeu aos grandes agricultores, que sempre visou o atendimento da demanda externa, como fruto da subordinação desse território a mundialização do capital (CHESNAY, 1996). Na década de 1980, a agricultura brasileira possuiu um maior desenvolvimento físico e diversificação na produção decorrente do casamento do capital produtivo com o capital privado na fortificação dos complexos agroindustriais. Ainda na década de 1980, ocorreu grande rigidez ao Estatuto da Terra, inviabilizando uma possível reforma agrária, ou seja, o denominado “novo rural brasileiro” transformou eficientemente a produção agropecuária com a imposição do meio técnico-científico-informacional, mas gerou diversos empecilhos aos pequenos agricultores. Analisando a integração da agricultura com o mercado mundial, nota-se, por exemplo, que há uma internacionalização da produção mediante negociação de commodities agrícolas em bolsas de valores (grãos, carnes, produtos vegetais, etc.) e a presença de empresas multinacionais do ramo no país. Esse processo de internacionalização sedimenta o que Oliveira (2014) define como mundialização da agricultura. Processo altamente impactante, por conta da intensificação e uso de insumos químicos nas produções, gerador de contaminação das águas e



solos. Somado a esses fatores, há uma presença marcante de estrangeiros no Brasil, sendo que eles concentram seus investimentos em áreas de agronegócio, à exemplo da região Centro-Oeste, e sobretudo, no estado do Mato Grosso, estado esse que possui, por exemplo, a maior área adquirida por estrangeiros no país, correspondendo a aproximadamente 844 mil hectares (OLIVEIRA, 2018). Sendo assim, há uma grande concentração de terras existente no território brasileiro como resultado da busca desenfreada do capital por novas formas de se reproduzir e é através do agronegócio, por exemplo, que no viés produtivo-comercial, as desigualdades se alastram dentro do país, sem se preocupar com a sociedade e com as suas necessidades de sobrevivência.

**Palavras-chave:** Condição Agrária, Latifúndio, estrangeiros, mundialização.

#### REFERÊNCIAS

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

MARTINS, José de Souza. **O sujeito oculto: ordem e transgressão na reforma agrária**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Terras de Estrangeiros no Brasil**. São Paulo: Iãnde Editorial, 2018, 267p.

## **O NOVO RURAL BRASILEIRO NA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA AGRÁRIA**

Fábio de Jesus Almeida<sup>38</sup>  
Juan Vítor Andrade Santos<sup>39</sup>  
Diana Mendonça de Carvalho<sup>40</sup>

O presente trabalho visa, como por um sobrevoo, gerar uma análise qualitativa de temas discutidos na disciplina de Geografia Agrária. O foco do estudo é a abordagem gestada por Silva (1998), cujos matizes e pontos elucidativos, com respeito ao desenvolvimento agrário e agrícola, no Brasil, pelos idos da década de 1960 em diante, servirão de horizonte de encontro com outras temáticas. O ponto crucial das políticas rurais em curso no regime militar desemboca nos empreendimentos vultosos do governo em diversos setores, incluso o agrícola, correspondentes ao “milagre econômico” da década de 1970, sobremodo, na gestão Geisel (74/78). Setores agrícolas de raízes coloniais seculares, tais como o canavieiro e latifundiário, ganharam especial e onerosa dedicação jurídica e parlamentar nesse momento. No entanto, a década seguinte desvela a derrocada econômica das políticas agrárias e agrícolas.

---

<sup>38</sup> Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: fabio\_djalmeida@academico.ufs.br

<sup>39</sup> Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: juanvitorandradeacademico@ufs.com

<sup>40</sup> Prof<sup>a</sup> do DGEI/GEPRU/UFS. dianamendoncadecarvalho@gmail.com

Fatores nevrálgicos como o descontrole sistemático da inflação, as altas e controle dos preços, safras perdidas por razões climáticas, tentativas frustradas de aquecimento da economia por meio do Plano Cruzado, entre outros obstáculos, gestaram a década adjetivada pelo autor de “perdida”, “perversa” em relação às referidas políticas rurais. Os processos autoritários de reajustes de preços, o crescimento do endividamento do setor agrícola, a perda e confisco de terras dos pequenos produtores, as disparidades de investimentos governamentais com o foco na manutenção do status, arquitetura financeiras dos grandes proprietários; e menosprezo dos pequenos produtores, enfim, uma ossatura jurídica encabeçada pelo Estatuto da Terra (1964) que impunha uma lei de desenvolvimento rural ao invés de um projeto capilar e autêntico de reforma agrária, entre outras variações, traduziram o processo de modernização da agricultura brasileira como instância de caráter excludente, conservador e profundamente regional. Nesse interim, na década perdida as variantes condições da economia brasileira ocorreram por falta de planos e medidas econômicas desenvolvidas, anexadas a uma gestão de pensamento nacionalista exacerbada. O plano cruzado, cujo objetivo pretendia acabar com a inflação que assolava o Brasil em 1986, na presidência de José Sarney, lançou medidas num pacote que visou congelar e conter os preços, em tese, serviu para abaixar os preços que os lojistas impuseram com a ajuda da população, seguindo os paradigmas da famosa frase de Sarney: “Cada brasileiro ou brasileira será e deverá ser um fiscal dos preços”.

Com a chegada da era Collor, novas políticas administrativas foram implementadas com o intuito de dismantlar a precariedade do setor agrário por meio de medidas neoliberais e seus fortes impactos no país. Buainain (2013), mostra que as mudanças institucionais de 1990 corrigiram parte dos bloqueios então existentes, promovendo a estabilidade monetária e um esforço de reorganização do Estado e suas políticas agrícolas prol a mundialização da agricultura, conforme também referenda Oliveira (2016). Deste modo, o Brasil a partir de 1990, colabora para a institucionalização de um novo padrão agrícola, com financiamentos estatais e privados, além de uma nova política cambial, tornando os produtos de exportação mais competitivos (Cana-de-açúcar, café e grãos), e menosprezando atenção a pequena agricultura, mesmo com propostas de financiamento para esse segmento social do campo.

**Palavras-chave:** Novo rural, Desenvolvimento rural, Estado e condição agrária.

## REFERÊNCIAS

- BUAINAIN, A. Márcio; ALVES, Eliseu; SILVEIRA, José M. Da; NAVARRO, Zander. **Sete Teses Sobre O Mundo Rural Brasileiro**. Revista de Política Agrícola. abr/maio/jun. 2013.
- OLIVEIRA, A. Umbelino. **A Mundialização da Agricultura Brasileira**. SP: Iandê Editorial, 2016.
- SILVA, J. Graziano. **A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira**. 2ª ed. Campinas, SP: UNICAMP, IE, 1998.

## **VIOLÊNCIA NA TERRA: ANÚNCIOS DA ESCRavidÃO NO CORREIO SERGIPENSE (1850- 1860)**

Fabrcia de Oliveira Santos<sup>41</sup>

Patrcia dos Santos Bispo<sup>42</sup>

Na busca de compreender a espacializao da Lei de Terras de 1850 e seus desdobramentos, o recurso da imprensa  utilizado como referência de comunicao sobre o espaço geográfico brasileiro no século XIX (Galvão, 1977). O recorte espacial  o Agreste Central Sergipano, sobretudo Itabaiana, devido a sua extensão territorial no período (Carvalho, 1914) e a pouca meno a latifúndios, e  presença do trabalho escravo, na historiografia sergipana. Notícias contemporâneas sobre algumas formas de violência na terra chamaram a ateno para recorrer a longa durao sobre o controle privado da terra inaugurado com a referida Lei. Na imprensa, a presença de notícias deste tempo espaço da Lei está no jornal O Correio Sergipense, com sua periodicidade regular, traz ecos das possíveis marcas dos manejos dessa Lei e de suas espacializaes materiais e subjetivas no espaço agrário. Como

---

<sup>41</sup> Professora DGEI/UFS; Pesquisadora do GPECT/CNPq/UFS. Coordenadora do GEFTI/DGEI/UFS. E-mail: [fabriciase@gmail.com](mailto:fabriciase@gmail.com)

<sup>42</sup> Graduanda DGEI – Bolsista PIBICVOL/COPEs/UFS. E-mail: [bispoo.patricia@gmail.com](mailto:bispoo.patricia@gmail.com)

não há espaço geográfico sem trabalho, a Lei não era só ‘de terras’, mas de garantia de trabalho na terra, e não foi aplicada de imediato, de maneira que a leitura do jornal foi estendida até 1860. A pesquisa deriva de uma parte dos resultados do projeto “Violência na terra: alienar o trabalho e (des)matar o campo em Itabaiana, Sergipe”, busca (re)conhecer significações sobre violência na terra, e neste reconhecimento, a escravização de pessoas como parte da violência na terra através do desmatamento e da alienação do trabalho. A metodologia qualitativa adotada enfatiza as contradições no discurso da imprensa sob o capitalismo (Anderson, 2008), presentes nos exemplares do jornal disponibilizados no *site* da Biblioteca Nacional, e consultados via palavras-chave mediadas pela fundamentação teórica em torno da violência e da imprensa (Chauí, 2017). Entre os resultados em análise, um conhecimento sobre publicação dos anúncios de pessoas escravizadas que fugiam principalmente das propriedades no campo. O conteúdo geográfico presente nesses anúncios infere que, se pessoas que mais trabalhavam a terra e produziam valor eram classificadas como mercadorias, o que seria o sentido do trabalho, e da terra neste contexto? (Pádua, 2002). Os anúncios são compreendidos como parte da publicidade e da propaganda que também constituem novidade no universo do capitalismo, como parte do fetiche da mercadoria (Marx, 2011). Os anúncios trazem a procedência, a localização de homens, mulheres e crianças escravizados, a etnia nas marcas de seus corpos, os anúncios são documentos de escárnio do sentido do humano,

documentos do capital (Benjamin, 1986). A geografia nesse/desses anúncios (Freyre, 1963) expressa contrabando, comércio, latifúndios, posse, propriedade privada da terra e do humano, degradação. Estudá-los permite desvelar a produção de um espaço que não deveria retornar, todavia por terem sido naturalizados, o conteúdo se transmuta até o presente (Lorenzi, 2009).

**Palavras-chave:** imprensa; violência; escravidão.

#### REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BENJAMIM, W. **Documentos de cultura.** Documentos de barbárie: escritos escolhidos I. Seleção e apresentação Willi Bolle; tradução Celeste H.M. Ribeiro de Sousa ... et al. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo. 1986.

CHAUÍ, Marilena. **Sobre Violência:** escritos de Marilena Chauí. V. 5. São Paulo: Autêntica, 2017.

FREYRE, Gilberto. **Os Escravos nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX.** Recife: Imprensa Universitária, 1963.

GALVÃO, Walnice. **No calor da hora.** A guerra de Canudos nos jornais. Quarta Expedição. 2.ed. São Paulo: 1977.

LORENZI, Sabrina. Desmatamento usa trabalho escravo.

**Repórter Brasil.** Disponível em:

<https://reporterbrasil.org.br/2009/08/desmatamento-usa-o-trabalho-escravo/> Acesso em: 08/08/2023.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital [1867] (trad. Rubens Enderle). São Paulo: Boitempo, 2011.

PÁDUA, José. A. **Um Sopro de Destruição:** Pensamento Político e Crítica Ambiental no Brasil Escravista (1786-1888). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.



## **A QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL: TERRA PARA QUEM?**

Gabriela Almeida Mendonça<sup>43</sup>  
José Mateus Melo Nascimento<sup>44</sup>  
Diana Mendonça de Carvalho<sup>45</sup>

Desde a invasão nas terras do até então Pindorama - atual Brasil -, as terras são comercializadas dos mais diversos modos. A terra era para todos, quando nem todos teriam condições de se estabelecer nela, a partir do momento que foi colocado fim no tráfico de escravos e sancionada a Lei de Terras de 1.850, que de maneira resumida, impossibilitava a presença e cultivo das terras por sujeitos desprovidos de recursos, já que para isso, era necessário pagar altas taxas de impostos ao Governo para regularização e manutenção da terra. Nesta premissa, o presente resumo contextualiza como se deu a concentração de terras em território brasileiro e como esta interfere de forma direta não apenas para a população

---

<sup>43</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho em Itabaiana/Sergipe. E-mail: [gabriela.almendonca582@gmail.com](mailto:gabriela.almendonca582@gmail.com)

<sup>44</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho em Itabaiana/Sergipe. E-mail: [mateusmeloufs@gmail.com](mailto:mateusmeloufs@gmail.com)

<sup>45</sup> Prof<sup>a</sup> do DGEI/GEPRU/UFS. [dianamendoncadecarvalho@gmail.com](mailto:dianamendoncadecarvalho@gmail.com)

moradora do campo, mas sim na condição produtiva. A pesquisa é de cunho analítico, considerando revisão bibliográfica a respeito da Questão Agrária no Brasil, a partir de trabalho desenvolvido junto a disciplina Geografia Agrária. O respectivo encaminhamento faz compreender como o latifúndio é vitorioso historicamente e continua sua expansão, exportando seus produtos e tendo poder em mãos. Com o fim do tráfico e posteriormente o fim da escravidão, o Estado sentiu a necessidade de mão de obra e a tentativa de embranquecimento da população, para isso, incentivou a imigração por parte dos povos residentes na Europa. De todo modo, é necessário ser pensado a terra como ambiente de luta pelos direitos que foram tomados e que necessitam ser devolvidos, e a partir disso, a reforma agrária é pensada de forma intensa na década de 1950, mas constantemente adiada por infligir os interesses dos grandes proprietários; e por mais que o Governo de João Goulart (1961-1964) tenha buscado reorientar os conflitos existentes na terra de ordem fundiária e também trabalhista, por meio da proposta de Estatuto da Terra, a distribuição de terras não veio a ocorrer. Somente no Período Militar é que o Estatuto da Terra (1964) foi inteiramente elaborado, mas sem praticidade efetiva para distribuição da terra. Dessa década por diante, o latifúndio monopolista passou a agregar ainda maior fôlego com a Resolução Verde e mecanização do campo. Em vista de que os recursos para aquisição desse pacote ser possível a quem detivesse dinheiro, o pequeno agricultor foi deixado de lado mais uma vez. Nesse

contexto, muitos cidadãos contrários a condição sofreram represálias até o fim do golpe em 1985. Ainda nos anos de 1980 a questão da terra não teve a representação necessária, sendo conhecida como a década perdida, devido aos grandes investimentos realizados na década de 1970. O atraso nas condições produtivas dessa década acarretou diversas consequências, entre elas, as altas taxas de inflação. A partir de 1990 em diante, a mecanização no setor rural, o uso de agrotóxicos, a produção massiva, consubstanciou a produção em larga escala, sendo valorizada e colocada no pedestal de excelência e necessidade do país, se tratando como se o ‘agro’ e suas facetas fossem o sustento de um Brasil que, por mais que seja contraditório, sofre com a fome.

**Palavras-chave:** Questão Agrária; Reforma Agrária; Agronegócio.

## **BREVE ANÁLISE SOBRE TRÊS TESES DO MUNDO RURAL BRASILEIRO E SUAS DISPARIDADES**

**Iasmin Santiago de Luz<sup>46</sup>**

**Maisa do Nascimento Rezende<sup>47</sup>**

**Diana Mendonça de Carvalho<sup>48</sup>**

As sete teses referendam reflexões trazidas por Buainain, et. al. (2013) quanto as tendências do desenvolvimento agropecuário no país, mediante a nova fase da história agrícola e agrária do país. Diante disso, o presente resumo pretende analisar algumas contradições propostas nas três últimas teses do texto e suas repercussões agrárias. A pesquisa é de cunho analítico qualitativo, considerando revisão bibliográfica. Neste encaminhamento, traz-se a quinta tese e o poder do Estado na modernização do campo pós década de 1990, quando se esgotou um conjunto de “primeiras tarefas” de transformações rurais induzidas pelo Estado, combinando crédito rural, pesquisa agrícola e serviços de ATER estatais. Todavia, expansão do setor agropecuário monopolista permaneceu com mobilização financeira dos agentes privados,

<sup>46</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho em Itabaiana/Sergipe. [Iasminsantiago084@academico.ufs.br](mailto:Iasminsantiago084@academico.ufs.br)

<sup>47</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho em Itabaiana/Sergipe. [maisarezende@academico.ufs.br](mailto:maisarezende@academico.ufs.br)

<sup>48</sup> Prof<sup>a</sup> do DGEI/GEPRU/UFS. [dianamendoncadecarvalho@gmail.com](mailto:dianamendoncadecarvalho@gmail.com)

que organizou a nova lógica produtiva e de acumulação do capital. Foram mudanças que impulsionaram a produtividade geral da agricultura, consubstanciando com a ausência de crédito e tecnologia no campo para a pequena agricultura de base familiar, que favorece o processo migratório. Já a sexta tese reflete a história agrária dos países de capitalismo avançado, apresentando algumas similaridades e, entre essas, duas são salientadas: 1-a atividade agrícola com o tempo se mostrou menos rentável, o que gradualmente afastou os detentores de capital do campo; 2- implantou-se diversas formas de ação governamental destinadas a proteger o conjunto de pequenos produtores que foi se tornando majoritário no campo, sobretudo para garantir a oferta barata de alimentos. No Brasil, no entanto, adota-se modelo similar, mas num contexto agrícola e agrário muito distinto, haja vista, o estado não subsidiar condições de defesa de famílias rurais. A sétima tese retrata que jamais ocorreu no Brasil uma política de desenvolvimento rural, por falta de ação governamental, impondo assim, uma “via argentina para o campo”, com o esvaziamento demográfico do mundo rural, o predomínio da agricultura de larga escala, a alta eficiência produtiva e tecnológica, e o posicionamento, no caso brasileiro, como o maior produtor mundial de alimentos. Deste modo, as três teses analisadas já remetem a compreensão de quão desigual é a realidade do campo brasileiro e quão inoperante é o Estado no sentido de gerir políticas de desenvolvimento, não apenas econômico, mas geradora de condição plenas de sobrevivência.

**Palavras-chave:** Estado; políticas rurais; campo.

## REFERÊNCIAS

BUAINAIN, A. M., ALVES, E., SILVEIRA, J. M. DA, NAVARRO, Z. (Orgs.). **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola.** Brasília, DF: Embrapa, 2014.

BUAINAIN, A. M., ALVES, E., SILVEIRA, J. M da, NAVARRO, Z. Sete teses sobre o mundo rural brasileiro. **Revista de Política Agrícola.** Brasília: Ano XXII, N<sup>o</sup>. 2, p. 105 – 121, Abr./ Maio/Jun. 2013. Disponível em < <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/964720/sete-teses-sobre-o-mundo-rural-brasileiro> >. Acesso 10 mai. 2022.

## **CONSIDERAÇÕES SOBRE A MUNDIALIZAÇÃO DA AGRICULTURA BRASILEIRA**

Isa Laisa Oliveira Santana<sup>49</sup>

Nadja dos Santos<sup>50</sup>

Diana Mendonça de Carvalho<sup>51</sup>

A mundialização é um processo em curso que, segundo Chesnay (1996) resulta de dois momentos distintos: o primeiro do pós-1914, com a sedimentação da mais longa fase de acumulação capitalista; e a segunda do pós-1970, com as políticas neoliberais engessadas por Thatcher (1979-1992) e Reagan (1981- 1989). Na agricultura, esse processo advém da aliança do meio técnico- científico-informacional, junto a ações do Estado, do monopólio sobre os recursos naturais e da repartição de mercados. Neste contexto, o presente trabalho analisará a mundialização da agricultura brasileira, mediante contexto analítico-qualitativo, via referenciais de Chesnay (1996) e Oliveira (2014). A mundialização da agricultura é um

---

<sup>49</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, em Itabaiana/Sergipe. E-mail: santanaaisa2410@academico.ufs.br

<sup>50</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, em Itabaiana/Sergipe. E-mail: nadjasantos@academico.ufs.br

<sup>51</sup> Profa Dra do DGEI/GEPRU/UFSS. E-mail: dianamendoncadecarvalho@gmail.com

processo que envolve a integração da agricultura em escala global, com a produção de commodities agrícolas e a criação de empresas agrícolas multinacionais. Todo esse processo incrementou a monopolização do território para a agricultura, desenvolvido por empresas de processamento agroindustrial ou comercialização, que mesmo sem produzir diretamente no campo, passam a controlar, através de mecanismos de subordinação, mecanismos produtivos, como uso de agrotóxicos e fertilizantes. Diante disso, a mundialização na agricultura perpassa o processo de internacionalização industrial das atividades agrícolas, através de alianças e fusões, com a participação do Estado, sendo a agricultura estruturada conforme uma tríade: 1- produção de commodities; 2- bolsa de mercadoria e de futuro; e, 3- formação de empresas monopolistas mundiais, que industrializam os setores e territorializam mercados, como nas regiões Sul e Sudeste. Essas empresas monopolistas mundiais atuam com a cobertura de capital e lançamento de ações em bolsas; ex.: Souza Cruz, Sadia, Cosan, SLC agrícola (OLIVEIRA, 2014). Esse processo de modernização econômica condicionou o aparecimento de grandes empresas mundiais em setores como: produção de álcool combustível, carnes e celulose. Todo esse desenvolvimento na agricultura gerou um conjunto de problemas na questão agrária no Brasil, começando pela concentração de terras. Essa questão não é atual, pois vem desde a farsa do descobrimento, surgimento da grilagem e a “passada de pano” que até hoje se é feito com quem tem posse



indevida. Nesta condição, o pequeno agricultor familiar vai perdendo força, pois não conseguem competir com os mecanismos produtivos do capitalismo, além de toda uma infraestrutura sedimentada a favor do agronegócio, que advém fortemente da década de 1970, com a ilusão do Novo Rural brasileiro. Deste modo, na lógica mundializada da agricultura capitalista, o pequeno agricultor “tende ao desaparecimento”, como supracitado por Buainain (2013) na sétima tese sobre o mundo rural. Contudo, esse fato se esgota, mesmo com o enfraquecimento, na luta pela terra estabelecida por movimentos sociais, que muitas vezes assentados, acabam também por se subjugar a lógica capitalista, sem perder a esperança na sobrevivência.

**Palavras-chave:** Agricultura; Mundialização da agricultura; Pequeno Agricultor.

## REFERÊNCIAS

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

BUAINAIN, A. M., ALVES, E., SILVEIRA, J. M da,

NAVARRO, Z. Sete teses sobre o mundo rural brasileiro.

**Revista de Política Agrícola**. Brasília: Ano XXII, Nº. 2,  
p. 105 – 121, Abr./ Maio/Jun. 2013.  
Disponível em <

[https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-  
/publicacao/964720/sete-teses- sobre-o-mundo-rural-brasileiro](https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/964720/sete-teses-sobre-o-mundo-rural-brasileiro)  
>. Acesso 10 mai. 2022.

OLIVEIRA, A. U. de. **A mundialização da Agricultura Brasileira**. São Paulo: FFLCH/USP, 2014.

**O COOPERATIVISMO COMO FORMA DE  
DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA  
FAMILIAR: UM ESTUDO DA COOPERATIVA DOS  
PRODUTORES DE FARINHA DE MANDIOCA  
(COOFAMA)**

José Inácio Souza Maciel<sup>52</sup>  
Diana Mendonça de Carvalho<sup>53</sup>

O cooperativismo é uma prática socioeconômica e cultural, que visa vencer obstáculos produtivos e ter resultados compartilhados entre indivíduos integrados, isto é, pela união social agregar prosperidade (FARIAS E GIL, 2013). Neste sentido, o presente trabalho analisará o papel do cooperativismo no espaço agrário brasileiro, assim como sua importância no povoado Gameleira/Campo do Brito/SE. A pesquisa tem um caráter analítico qualitativo, embasado em pesquisa bibliográfica, que preze por autores que trabalham com o tema do cooperativismo; além de valorização da vivência do autor na comunidade. O cooperativismo tem o intuito de promover o desenvolvimento econômico e social de forma sustentável, via aprimoramento da abrangência de mercado da

---

<sup>52</sup> Acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, em Itabaiana/Sergipe. E-mail: [jismaciel@hotmail.com](mailto:jismaciel@hotmail.com)

<sup>53</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> do DGEI/GEPRU/UFS. E-mail: [dianamendoncadecarvalho@gmail.com](mailto:dianamendoncadecarvalho@gmail.com)

produção da agricultura familiar. No município de Campo do Brito/SE, predomina o papel da Cooperativa dos Produtores de Farinha de Mandioca (COOFAMA), situada no Povoado Gameleira, local este, que tem por atividade principal o beneficiamento da mandioca em farinha. Essa foi fundada em 26 de setembro de 2006, pela fundação Banco do Brasil e apoio do Sebrae, como uma política de Desenvolvimento rural sustentável (DRS). Atualmente, conta com 82 cooperados e agrega abrangência de mercado, sendo ele privado por empresas da rede de supermercados, assim como do setor público, mediante as políticas do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). A produção desta farinha, como uma cultura da região, tem condicionado outros efeitos socioeconômicos para além da comercialização da farinha, como o ecoturismo. Antes da cooperativa, a produção dos agricultores desta região se dirigiam apenas para as feiras livres, contando ainda com a presença de atravessadores. A cooperativa agrega o Centro de Processamento e Derivados da Mandioca (CPDM), com a produção de derivados alimentícios, como macaxeira, tapioca, bolos, entre outros. A COOFAMA apresenta papel de transformação social, ao impedir o êxodo rural das inúmeras famílias residente, ao transformar o campo com seus saberes e culturas e ao representar politicamente as vontades sociais da localidade, garantindo acesso a tecnologias e ofertando uma melhor produtividade. Com o projeto-piloto do Sebrae, a cooperativa começou o processo de exportação da farinha

sergipana para o mercado internacional, sendo feitas apenas alterações na embalagem, com a tradução das informações nutricionais. Sendo assim, a produção de farinha de mandioca demonstra seu papel socioeconômico para o povoado e para o município, ao condicionar organização dos pequenos produtores e ampliar seu poder de comércio em escala nacional e internacional, via exportação. Além disso, essa cooperativa tem condicionado desenvolvimento econômico na localidade, com melhorias nas condições de vida e renda das unidades familiares de produção, diante do valor produtivo agregado com o seu processamento e expressão comercial.

**Palavras-chave:** Agricultura familiar; Cooperativismo; Farinha de Mandioca; Desenvolvimento;

## REFERÊNCIAS

Farias, C. M. e GIL. M. Fl. **Cooperativismo**. Pelotas: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia; Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Técnico Industrial de Santa Maria; Rede e-Tec Brasil, 2013. Disponível em <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/413/2018/12/cooperativismo.pdf>>. Acesso em 06 set. 2023.

## **AQUISIÇÃO DE TERRAS POR ESTRANGEIROS: UMA PEQUENA REFLEXÃO SOBRE A LEGISLAÇÃO NACIONAL**

Josevaldo Nascimento Neto<sup>54</sup>

Lucas Francisco Meneses Nascimento<sup>55</sup>

Lucas Gabriel Tavares Araújo<sup>56</sup>

Diana Mendonça de Carvalho<sup>57</sup>

A lei 5.709, de 7 de outubro de 1971, que “[...] regula a aquisição de imóvel rural por estrangeiro residente no País ou pessoa jurídica estrangeira autorizada a funcionar no Brasil, e das outras providências”, prevê diversas restrições à compra de terras nacionais, tanto públicas quanto privadas por estrangeiros, sejam estas pessoas físicas ou jurídicas. Essa disponibiliza a estrangeiros apenas 50 módulos fiscais, isso ao levar em consideração que o tamanho de um módulo varia de acordo com o município, sendo que o menor módulo tem 5 hectares e o maior 110 hectares. Em 2010, substituiu-se o antigo

---

<sup>54</sup> Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: njosevaldo13@academico.ufs.br

<sup>55</sup> Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: lucasranciscoin44@gmail.com

<sup>56</sup> Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: lucasgabriel235@academico.ufs.br

<sup>57</sup> Prof<sup>a</sup> do DGEI/GEPRU/UFSS. E-mail: dianamendoncadecarvalho@gmail.com

parecer sobre a aquisição de terras por estrangeiros pelo Parecer CGU/AGU Nº 01/2008-RVJ/10, que passou a requer o controle pelo INCRA das terras adquiridas por pessoas de fora do Brasil, a partir daí os cartórios devem informar mensalmente os registros de imóveis ao órgão. Dessa forma, o mesmo elaborou um procedimento padrão com 11 exigência para a aquisição de terras. Além disso, a partir do parecer da lei nº 5.709 da Carta Magna, pode-se extrair motivos que defendam as restrições de controle e posse de terras, propriedades, arrendamentos rurais, entre outros, por empresas estrangeiras, principalmente se elas não apresentarem uma sede no Brasil. As restrições limitam a participação de apenas quatro pessoas jurídicas estrangeiras, sendo elas ou não possuidoras de sede no país. Uma outra forma de análise e controle se dá através da ação do Sistema Nacional de Cadastro Rural (SNCR), órgão criado em 1972, compreendendo dados acerca de imóveis rurais e seus proprietários. Desse modo, o principal objetivo dessa pesquisa é analisar como se deu o processo de aquisição de terras por capital estrangeiro, compreender as políticas e ações que levaram a isso e entender as consequências sociais e econômicas resultantes de tal ação. Esse foi construído com base analítico-qualitativa, por meio da revisão bibliográfica embasada em Oliveira (2018) e Hage (1990), assim como da utilização de decretos vigentes da constituição brasileira. Analisando-se as leis, atestou-se que as mesmas passaram por mudanças em relação a posse de imóveis rurais, motivadas por diferentes fatores e contextos sociais. Dessa forma, pode-se

citar que o surgimento de novos projetos e alterações na lei se deram devido ao crescimento gradativo do interesse nas terras brasileiras, resultando na necessidade da criação de mais legislações ou órgãos governamentais que não impedissem a aquisição, mas controlassem e fiscalizassem a posse de terras por parte de grupos estrangeiros interessados em concentração produção no país.

**Palavras-chave:** terras; estrangeiros; aquisição.

## REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, A. U. de. **Terras de estrangeiros no Brasil**. 1ª edição. São Paulo: Iãnde Editorial, 2018.

HAGE, F. A. S. et al. **Aquisição de terras por estrangeiros no Brasil: uma avaliação jurídica e econômica**. Brasília: Ipea 1990.



## **IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA QUESTÃO AGRÁRIA BRASILEIRA NA LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Mailson Acacio dos Santos Melo<sup>58</sup>

José Inácio Souza Maciel<sup>59</sup>

Anthony Oliveira Tavares dos Santos<sup>60</sup>

Diana Mendonça de Carvalho<sup>61</sup>

A questão agrária no Brasil é um tema importante a ser debatido por conta dos inúmeros problemas atuais advindos da lógica de acumulação do capital (OLIVEIRA, 2007); por isso, o debate é extremamente importante na formação de licenciandos em Geografia (CONCEIÇÃO, 2023<sup>62</sup>). O presente estudo visa analisar os principais discursos de autores sobre a questão agrária e como está acontecendo a prática de políticas públicas.

---

<sup>58</sup> Acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, em Itabaiana/Sergipe. E-mail: mailsonacacio@gmail.com

<sup>59</sup> Acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, em Itabaiana/Sergipe. E-mail: jismaciel@hotmail.com

<sup>60</sup> Acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, em Itabaiana/Sergipe. E-mail: anthonyfingfor123@gmail.com

<sup>61</sup> Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> do DGEI/GEPRU/UFS. E-mail: dianamendoncadecarvalho@gmail.com

<sup>62</sup> Fala da professora Alexandrina Luz Conceição em uma mesa redonda do evento Fundamentos de/para Geografia Agrária.

Esse debate compreende os interesses das diferentes visões, seja de uma linha do agronegócio ou de uma que defende direitos de povos originários. A pesquisa tem base qualitativa, com referencial bibliográfico que trabalha com o tema da questão agrária brasileira, além dos debates em sala de aula na disciplina de Geografia Agrária. Durante os seminários apresentados na disciplina foram debatidos temas relacionando como a agricultura brasileira se apresenta atualmente, com diferentes visões de autores DELGADO (2008), BUAINAIN, et. al. (2013), OLIVEIRA (2012; 2018) e SILVA (2001). Os principais temas propostos a serem debatidos foram: A Questão Agrária no Brasil, 1950-2003; O Novo Rural; A Mundialização da Agricultura; A “Estrangeirização” da agricultura; As Novas visões sobre o mundo rural brasileiro. Desse modo, os temas apresentaram as principais características da agricultura brasileira, principalmente como se comportam na lógica do capital. Assim, ao tratar deste assunto é importante trabalhar a garantia dos direitos daqueles que lutam pela terra, não apenas nas visões quantitativas de economistas que valorizam o avanço do agronegócio, sendo este o principal agente de concentração de terra e renda, além de diversos fatores. Faz-se relevante demarcar que o desenvolvimento da agricultura brasileira não ocorreu de forma homogênea em termos de tempo e espaço, pois pequenas propriedades ficaram quase sempre a mercê do processo de modernização da agricultura (GRAZIANO, 2002). Muitas das pequenas unidades seguem a retórica econômico-produtiva das grandes propriedades, por subserviência, que

obedecem nesse momento histórico a fase de financeirização da agricultura (DELGADO, 2008), que passa ao auge de mundializada, por agregação com a indústria e a lógica do comércio de *commodities* (OLIVEIRA, 2018). Assim, a reforma agrária expõe, em suas diversas contradições histórico-executiva, que o mundo rural brasileiro precisa de novas perspectivas e esperanças, que valorize a pequena agricultura em seu viés produtivo, econômico e cultural, haja vista a garantia da soberania alimentar nacional.

**Palavras-chave:** Agronegócio; Questão agrária; políticas públicas.

## REFERÊNCIAS

BUAINAIN, A. M., ALVES, E., SILVEIRA, J. M da, NAVARRO, Z. Sete teses sobre o mundo rural brasileiro. **Revista de Política Agrícola**. Brasília: Ano XXII, Nº. 2, p. 105 – 121, Abr./ Maio/Jun. 2013. Disponível em < <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/964720/sete-teses-sobre-o-mundo-rural-brasileiro> >. Acesso 10 mai. 2022.

DELGADO, Guilherme C. A questão agrária no Brasil, 1950-2003. **Questão social e políticas sociais no Brasil contemporâneo**. Brasília: IPEA, p. 51-90, 2008.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A mundialização da agricultura brasileira.** São Paulo; XII Colóquio Internacional de Geocrítica, 2012.

GRAZIANO da SILVA, J. **O novo rural brasileiro.** Campinas, SP: Unicamp, IE, 2002.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária.** São Paulo: Labur Edições, 2007.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Terras de Estrangeiros no Brasil.** São Paulo: Iãnde Editorial, 2018.

SILVA, José Graziano da.; GROSSI, Mauro Eduardo Del. **O novo rural brasileiro.** São Paulo: Oficina de Atualização temática, p.165-172.

## REALIZAÇÃO



## APOIO

